



Beatriz Filipa dos Santos Roque

# TRANSFERÊNCIA LINGUÍSTICA NA TRADUÇÃO

## A INFLUÊNCIA DA LÍNGUA INGLESA

Relatório de Estágio do Mestrado em Tradução, orientado pela Professora Doutora Carla Sofia Silva Ferreira e pela Mestre Phillippa May Bennett, apresentado ao Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

setembro de 2023

# FACULDADE DE LETRAS

## TRANSFERÊNCIA LINGUÍSTICA NA TRADUÇÃO

### A INFLUÊNCIA DA LÍNGUA INGLESA

#### Ficha Técnica

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Relatório de Estágio</b>
<b>Título</b>	<b>Transferência Linguística na Tradução</b>
<b>Subtítulo</b>	<b>A Influência da Língua Inglesa</b>
<b>Autora</b>	<b>Beatriz Filipa dos Santos Roque</b>
<b>Orientadoras</b>	Carla Sofia Silva Ferreira Phillippa May Bennett
<b>Júri</b>	<b>Presidente: Doutor Jorge Manuel Costa Almeida e Pinho</b>
	<b>Vogais:</b>
	<b>1. Doutora Ana Paula de Oliveira Loureiro</b>
	<b>2. Doutora Carla Sofia Silva Ferreira</b>
<b>Identificação do Curso</b>	<b>2º Ciclo em Tradução</b>
<b>Área científica</b>	<b>Tradução</b>
<b>Especialidade/Ramo</b>	Português e uma Língua Estrangeira (Inglês)
<b>Data da defesa</b>	<b>25-09-2023</b>
<b>Classificação do Relatório</b>	<b>17 valores</b>
<b>Classificação do Estágio e Relatório</b>	<b>18 valores</b>

## Agradecimentos

À minha mãe, o meu porto de abrigo, ao meu pai e ao meu irmão, por todo o apoio e ajuda, sem os quais nada disto seria possível. Por estarem sempre presentes, por nunca me faltarem com nada, obrigada!

Às minhas orientadoras, a Doutora Carla Ferreira e a Professora Phillipa Bennett, por toda a ajuda, incentivo e dedicação e por me fazerem sempre ver o lado positivo.

A todos os professores do mestrado de Tradução, que contribuíram para a minha formação nesta área, mas em especial à Doutora Cornelia Plag, por mostrar sempre preocupação e estar sempre pronta a ajudar.

À Editrad, nomeadamente ao Dr. Bruno Teixeira e ao Dr. Sílvio Costa, por me terem acolhido e ajudado enquanto dava os meus primeiros passos no mundo profissional da tradução.

A todos os meus colegas de mestrado, por fazerem parte desta jornada, mas especialmente ao grupo das Mestres - Ana Rui, Laura, Maria e Mariana - que fizeram com que estes dois anos não fossem tão difíceis e que partilharam comigo todos os altos e baixos.

À Maria, um duplo agradecimento, por ter tido um papel tão importante no meu percurso e por estar sempre ao meu lado. *I had the time of my life fighting dragons with you.*

Ao grupo das Fofinhas, Bárbara, Inês e Leo, as minhas amigas de licenciatura, por me incentivarem sempre a correr atrás dos meus sonhos e nunca me deixarem desistir.

E a todas as minhas amigas que me apoiaram ao longo do meu percurso académico e me incentivaram a nunca desistir, à minha afilhada Diana, ao meu trio maravilha, a Ana e a Laura, à Bea Teixeira, à Patrícia.

Obrigada!

## Resumo

A crescente expansão da língua inglesa tem vindo a influenciar várias línguas à volta do globo e o português não é uma exceção. O presente trabalho foca-se exatamente nesta questão e no fenómeno da transferência linguística, isto é, a transferência de elementos linguísticos de uma língua, com a qual o falante está familiarizado, para uma outra língua. É comum as línguas que estão em contacto influenciarem-se mutuamente, podendo mesmo causar alterações permanentes nas características da língua. Até essas alterações serem aceites, se o forem, são consideradas como desvios da norma. A transferência pode afetar qualquer falante bilingue, mas este estudo foca-se na influência que esta tem nos tradutores. Um tradutor está altamente sujeito a ceder à transferência linguística e, conseqüentemente, a cometer erros na sua língua materna, pelo que é importante analisar situações em que isto acontece para que possa ser evitado no futuro. Esta investigação foi feita com base nos textos trabalhados no estágio. Para além disso, foi ainda examinado um episódio de um *podcast* entre dois portugueses bilingues, para observar a forma como, numa conversa entre dois falantes que partilham a mesma língua materna, a língua inglesa consegue ter tanto peso. A análise, tanto de textos orais como de textos escritos, permite observar a forma como os falantes bilingues são influenciados pela língua inglesa. Os erros de tradução foram, maioritariamente, desvios gramaticais que tornam o texto pouco natural, mas não ilegível ou agramatical. No futuro, é provável que a língua inglesa se continue a dissipar pelo mundo e a ganhar mais força no mercado linguístico. Com isso, os desvios de hoje poderão ser mais comuns, passando mesmo a integrar-se na gramática.

**Palavras-chave:** transferência linguística, tradução, bilinguismo, inglês, língua franca

**Abstract**

The ongoing expansion of the English language has influenced several languages around the world, and Portuguese has not been an exception. This report addresses this matter and the phenomenon of linguistic transfer, i.e., the transference of linguistic elements from one language, with which the speaker is familiar, to a second language. It is common for languages in contact to influence each other, causing permanent changes in each linguistic system. These changes may or may not be accepted. Until they are accepted, they are often viewed as deviations from the norm. Linguistic transfer can affect any bilingual person, but this study will focus on its influence on translators. A translator is very much prone to be influenced by linguistic transfer, and, consequently, to make mistakes in their native language. For that reason, it is important to analyze these types of situations so that they can be avoided in the future. This investigation was conducted based on the texts translated during the internship. Furthermore, an episode of a podcast between two bilinguals was also analysed to observe how, in a conversation between two speakers who share the same mother tongue, the English language can have such an impact on the Portuguese language. The analysis, both of the oral texts as well as the written texts, allows to observe the influence of the English language. The translation errors were mainly grammatical deviations that made the text sound unnatural, but not unreadable or ungrammatical. In the future, it is likely that the English language will continue to spread over the world, weighing more in the linguistic market. Consequently, the deviations of today will be more common, and will possibly make their way into Portuguese grammar.

**Keywords:** linguistic transfer, translation, bilingualism, English, lingua franca

## Índice

<b>Introdução</b> .....	1
<b>1. Estágio</b> .....	4
1.1. A entidade de acolhimento .....	4
1.2. Trabalho realizado .....	5
1.3. Dificuldades e vantagens .....	8
1.4. Conclusões sobre o estágio .....	9
<b>2. Línguas em Contacto</b> .....	11
2.1. Variação Linguística .....	12
2.2. Comunidades linguísticas em contacto .....	16
2.2.1. O caso de Portugal .....	18
2.3. Bilinguismo .....	19
2.4. Língua Franca .....	23
<b>3. Transferência Linguística</b> .....	25
3.1. Influência interlinguística .....	26
3.2. Tipos de Transferência .....	31
3.2.1. Gramatical .....	31
3.2.1.1. Pronomes .....	32
3.2.1.2. Estrutura da frase .....	34
3.2.1.3. Ordem dos adjetivos .....	36
3.2.1.4. Regências .....	37
3.2.1.5. Artigos .....	38
3.2.2. Lexical .....	40
3.2.2.1. Falsos Cognatos .....	41
3.2.2.2. Empréstimos e estrangeirismos .....	43

---

Empréstimos.....	44
Estrangeirismos .....	44
3.2.2.2.1. Atribuição de género a estrangeirismos e empréstimos.....	47
3.2.2.3. Decalque .....	48
3.2.2.4. Neologismos .....	49
3.2.3. Outros exemplos .....	50
3.2.4. Conclusões.....	52
3.3. Traduzibilidade.....	54
3.4. Influência do tradutor .....	59
<b>Conclusão .....</b>	<b>64</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>67</b>

## Introdução

A língua é um sistema complexo que molda a percepção da realidade dos seus falantes, enquanto lhes permite comunicar ideias, emoções e experiências. A tradução possibilita a comunicação entre falantes de comunidades linguísticas distintas, ao facilitar o intercâmbio cultural e promover a compreensão mútua entre povos. As duas áreas mantêm uma relação de proximidade, não podendo uma existir sem a outra. A língua é de tal forma complexa que até os tradutores, que trabalham com ela todos os dias, cometem erros originados pela transferência linguística. Este é o tema principal do presente trabalho, que surgiu logo nos primeiros dias de estágio, proporcionando momentos de reflexão e análise sobre o tópico.

Com o crescimento da hegemonia da língua inglesa e com mais pessoas a falarem inglês em Portugal – segundo o INE, em 2016, 71,8% da população portuguesa entre os 18 e 64 anos, falava, pelo menos, uma língua estrangeira (DN/Lusa, 2017) –, é pertinente estudar a forma como falantes bilingues começam a ser influenciados pela sua L2 e tentar perceber se, no futuro, a língua portuguesa poderá sofrer alterações permanentes devido à influência que está a sofrer agora.

Para além de estudar a forma como o fenómeno da transferência linguística afeta os falantes, é também relevante olhar para o impacto que tem na Tradução. Este assunto já vem sendo estudado há vários anos, mas nunca deixa de ser relevante. Para além de ser uma ponte comunicativa entre duas comunidades linguísticas e culturais, o tradutor é também um protetor da sua língua materna. Ao traduzir regularmente para a sua língua materna, tem o dever de a proteger e de a conservar. A transferência surge como um obstáculo à conservação da língua, podendo induzir em erro até o tradutor mais experiente. Ainda que seja normal cometer erros, o tradutor deve sempre almejar a perfeição e tentar obter uma tradução o mais natural possível. Se o desvio da norma for repetido várias vezes e acabar por ser aceite pelos falantes, deixará de ser considerado erro, será aceite nas gramáticas e assistir-se-á a uma mudança na língua. Para além disso, e como será visto neste relatório, a transferência pode também ser uma aliada do tradutor em certas situações.

Para a realização do presente relatório foi consultada uma longa lista de bibliografia, essencial para o estudo das várias áreas que serão abordadas. As obras lidas, assim como os

seus autores, constituem uma referência para cada tema deste trabalho. Este conjunto de bibliografia permitiu uma melhor compreensão dos vários tópicos estudados neste relatório. As obras principais, que foram usadas como base para este relatório, são *Languages in Contact* de Weinreich (1968) e *Language Transfer* de Odlin (1989). A obra de Weinreich é fundamental para os estudos da Transferência Linguística, mas, sendo uma obra mais antiga, alguns conceitos estão desatualizados e, por isso, foi preferida a designação de Odlin, nomeadamente, no que diz respeito ao próprio conceito *transferência*, que Weinreich designa como *interferência*.

O propósito deste estudo é examinar o impacto da transferência linguística em textos traduzidos, tentando cumprir os seguintes objetivos: i) contextualizar o estudo do contacto de línguas e todos os aspetos relevantes; ii) clarificar conceitos linguísticos; iii) identificar aspetos da transferência linguística; iv) exemplificar possíveis casos de transferência (que podem ser apontados como imperfeições na tradução); v) alertar para a influência do tradutor num texto. Para cumprir estes objetivos, serão analisados textos escritos, trabalhados durante o estágio curricular, de várias áreas, para observar o impacto da transferência na tradução. Será ainda analisado um episódio de um *podcast* português para perceber a forma como, no discurso oral, o inglês influencia também a língua portuguesa.

O presente trabalho divide-se em 3 capítulos. O primeiro capítulo aborda a experiência do estágio curricular, dando a conhecer a entidade de acolhimento, os trabalhos realizados e as áreas traduzidas e, por fim, as dificuldades e desafios da primeira experiência no mundo profissional.

O segundo capítulo é direcionado para a Linguística e não tanto à Tradução, mas é fundamental para perceber como as línguas funcionam quando estão em contacto e as consequências que daí advêm, nomeadamente, variações linguísticas, criação de novas línguas, bilinguismo, *code-switching*, etc. A intensa influência do inglês provém de vários fatores, designadamente, a poderosa economia dos EUA, a forte indústria exportadora de conteúdos de entretenimento, invenções e descobertas científicas, entre outros. Estes fatores tornam o inglês na língua franca, isto é, a língua que é utilizada para assegurar a comunicação entre falantes de línguas diferentes.

No capítulo 3 desenvolve-se a questão da transferência linguística. Existem várias definições, dependendo dos autores, e várias formas de caracterizar este fenómeno. Há quem

acredite que a transferência pode ser positiva ou negativa, consciente ou inconsciente, etc. São apresentados exemplos da influência do inglês no português. Primeiro, são analisados alguns exemplos retirados de um episódio de um *podcast* português, em que dois falantes portugueses conversam e é possível perceber como o inglês é intrínseco ao seu idioleto. Mais à frente, são analisados vários exemplos de textos do estágio que dizem respeito a várias categorias de transferência gramatical e lexical.

Há momentos em que a transferência não tem efeitos negativos e pode ser utilizada como estratégia de tradução. Deste modo, mesmo quando parece que a tradução não é possível, pode recorrer-se à transferência e, através de estrangeirismos ou neologismos, o tradutor pode criar um novo termo na LC. Neste caso, deve falar-se de traduzibilidade e a sua relação com a transferência linguística. Por último, e uma vez que se está a debater sobre as influências, irá ser abordada a influência do tradutor no texto e a forma como um texto pode ser manipulado pelo tradutor, observando também alguns dos mais conhecidos erros de tradução em textos clássicos.

## 1. Estágio

O estágio curricular é uma das opções para a conclusão do Mestrado em Tradução. E foi a minha escolha por ser uma opção mais prática. O estágio constitui tanto um método de aprendizagem, como uma forma de pôr em prática os ensinamentos que adquirimos ao longo dos seminários do mestrado. É um modo de acesso ao mercado de trabalho e permite aos estudantes ter uma experiência profissional antes de concluir o curso. Proporciona ainda o contacto com pessoas da área, que podem transmitir muitos ensinamentos derivados da sua própria experiência profissional e, ao mesmo tempo, estabelecer relações profissionais que poderão vir a ser úteis na nossa futura carreira como tradutores.

Ainda que durante os seminários de tradução do mestrado tenhamos tido uma boa visão geral de como a tradução funciona no mundo real, existem questões que só podemos vivenciar através de trabalhos reais, por exemplo os prazos estipulados que têm de ser obrigatoriamente cumpridos, ou clientes que podem recusar a tradução se não for realizada exatamente como é pedido. Deste modo, e no meu caso, consegui vivenciar durante 3 meses o quotidiano de um tradutor, onde enfrentei novas dificuldades e novos desafios.

### 1.1. A entidade de acolhimento

Em julho de 2022 entrei em contacto com algumas empresas e, depois de ter recebido resposta da *Editrad* e de ter realizado um pequeno teste de tradução, recebi a confirmação de que poderia realizar o meu estágio nesta empresa. A principal razão pela qual esta foi a minha primeira escolha foi por permitir a realização do trabalho remotamente. Esta é uma empresa que faz maioritariamente traduções técnicas, o que é também uma preferência pessoal, nas áreas de especialização de informática e automóvel, sendo que os principais clientes provêm do setor das tecnologias da informação (TI). Ao longo dos seminários do mestrado, tive formação na área automóvel e, por ter gostado mais da área do que estava à espera, estava muito curiosa para saber como seria trabalhar com esta especialização. Quanto à área da informática, não tive

formação, mas considero-a extremamente relevante no contexto atual e tenho por ela um grande interesse pessoal, pelo que foi ótimo poder experimentar traduzir textos desta área. Além de tradução técnica, esta empresa recebe também alguns trabalhos de *marketing*, o que requer o uso da criatividade. No geral, a conjugação de todos estes fatores resultou na opção ideal para mim.

A empresa Editrad, criada em 2006, está sediada no Porto, no entanto, todos os colaboradores trabalham remotamente, não havendo um espaço de trabalho comum. A equipa com quem tive contacto é formada pelo sócio-gerente, o Dr. Bruno Teixeira, fundador da empresa e a pessoa com quem estabeleci o primeiro contacto, e pelo Dr. Sílvio Costa, que era o responsável pelo envio e pela receção de trabalhos nos vários momentos em que o Dr. Bruno esteve ausente por motivos profissionais. Para além deles, a equipa desta empresa é formada ainda por mais dois membros. Todos os quatro funcionários têm uma licenciatura em Tradução e exercem funções de tradução e/ou revisão. A empresa oferece serviços de tradução e revisão de inglês, francês e espanhol para português europeu, seguindo sempre a regra de que apenas se deve traduzir para a língua materna. Os seus principais clientes provêm do setor das TI.

## 1.2. Trabalho realizado

O estágio teve a duração de 3 meses, com início a 3 de outubro e término a 3 de janeiro. Ao longo destes meses, segui um horário de trabalho das 9h às 17h, de segunda a quinta, visto que a sexta-feira estava reservada para aulas na faculdade, dando, assim, um total de 350 horas.

Tendo em conta que era um estágio remoto, os projetos eram enviados por um dos supervisores para uma pasta *Dropbox*, para a qual eu devia depois enviar os ficheiros traduzidos. Para facilitar a comunicação e para que pudesse esclarecer todas as minhas dúvidas e questões, usámos o *Skype*, uma vez que é um sistema de mensagens rápido e em tempo real, ao contrário de, por exemplo, o e-mail.

Ao longo dos 3 meses, realizei 19 projetos, tanto de tradução como de pós-edição. Em todos os projetos (com exceção de apenas um) utilizei o programa *SDL Trados Studio*. Trabalhei em manuais de instrução, comunicados de imprensa, textos para *websites*, uma

aplicação, etc. Estes projetos eram das mais variadas áreas. O tipo de texto em que trabalhei, exclusivamente, foi o texto técnico. Ainda assim, não fiquei desiludida, visto que, ao longo do meu percurso em mestrado, sempre gostei de textos técnicos e obtive bons resultados ao trabalhar com eles. Considero que, por um lado, são mais fáceis de trabalhar, uma vez que permitem uma tradução mais literal, isto é, permitem que o TC seja mais próximo do TP sem que se tenha de alterar muito o texto, por outro lado, podem ser um pouco mais complicados de traduzir, uma vez que exigem conhecimento de vocabulário específico. Apesar de ter feito o teste de admissão na área de *marketing*, não pude trabalhar em nenhum texto do género, ainda que gostasse de ter tido a oportunidade de enfrentar um desafio deste nível, visto que este tipo de textos requer mais criatividade do que um texto técnico.

	<b>Tipo de projeto</b>	<b>Tipo de texto</b>	<b>Área/Assunto</b>	<b>Nº de palavras (aprox.)</b>	<b>Duração</b>
<b>1</b>	Tradução	Portfólio	Informática	6406	1,5 dia
<b>2</b>	Tradução e pós-edição	Manual de Instruções	Automóvel	44 299	1,5 semana
<b>3</b>	Tradução	Comunicado de imprensa	Empresa de distribuição	587	1 dia
<b>4</b>	Tradução	Artigo	Inventário em tempo real	929	1 dia
<b>5</b>	Pós-edição	<i>Website</i>	Vinho	30 921	3 dias
<b>6</b>	Tradução e pós-edição	Ficha informativa	Dispositivos médicos	1999	1 dia
<b>7</b>	Tradução e pós-edição	Aplicação	Informática	40 000	1,5 dia
<b>8</b>	Tradução	Manual de Instruções de calculadora	Informática	18 271	2 semanas
<b>9</b>	Pós-edição	<i>Website</i>	Vinho	122 131	3 semanas
<b>10</b>	Tradução	Contrato	Legal / Informática	2991	2 dias
<b>11</b>	Tradução	Manual do proprietário	Informática	2064	2 dias
<b>12</b>	Tradução e pós-edição	Folheto	Plataforma de Liderança	728	1 dia

	Tipo de projeto	Tipo de texto	Área/Assunto	Nº de palavras (aprox.)	Duração
13	Tradução	Manual para funcionários	Formação de RH	5614	2 dias
14	Pós-edição	Política de <i>cookies</i>	Informática	3774	1 dia
15	Tradução	Contrato	Legal / Informática	3502	1 dia
16	Tradução	Catálogo	Informática	150 475	2 dias
17	Tradução	Questionário	Curso de segurança	931	1 dia
18	Tradução e pós-edição	Manual de utilizador	Informática	902	0,5 dia
19	Pós-edição	Livro branco	Incêndios	46 690	1 semana
				483 214	

Tabela 1: Trabalhos realizados no estágio

Fiz, sobretudo, trabalhos de tradução, porém recebi alguns de pós-edição de tradução automática (ver Tabela 1). As traduções foram sempre feitas do inglês para português, que são as minhas duas línguas de trabalho, considerando que, como já mencionei, a Editrad se rege pela regra de que todas as traduções devem ser feitas para a língua materna do tradutor. No caso das pós-edições, a maior parte era também do inglês; no entanto, surgiram 3 projetos de revisão de textos obtidos por tradução automática do espanhol para o português e a minha função era rever o texto em português. É de realçar que, como todos os meus trabalhos, este também seria revisto por um dos meus supervisores e, por isso, o facto de não falar espanhol não se impôs como um problema. Recorri ao *Linguee* ou à *Infopédia* sempre que tinha dificuldade num termo. No caso de não encontrar resultados, expunha as minhas dúvidas ao Dr. Bruno, que se mostrou sempre muito prestável. A maior parte dos erros que encontrei nestes textos de revisão estavam relacionados com o novo acordo ortográfico. E visto que o espanhol e o português têm estruturas muito semelhantes, a tradução automática não originou erros dessa natureza.

O espanhol sempre foi uma língua que me suscitou muita curiosidade e também sempre considerei que seria de alta relevância dominar esta língua, devido à proximidade geográfica de Portugal com Espanha. Deste modo, a revisão de textos em português com o espanhol lado a lado permitiu-me aprofundar os meus conhecimentos na língua e incentivou-me a estudá-la.

No geral, considero que o número de projetos foi bastante adequado, assim como os prazos, que eram bastante flexíveis e de acordo com o tamanho do texto. Tive a oportunidade de trabalhar em algumas áreas pela primeira vez e até de trabalhar com outra língua. Penso que consegui trabalhar numa grande variedade de áreas e tipos de projetos.

### 1.3. Dificuldades e vantagens

Como já mencionei anteriormente, existem várias vantagens para se optar por um estágio curricular. A oportunidade de ter acesso ao mercado de trabalho e de ter contacto com profissionais da área são dois exemplos. A estes fatores, acresce ainda o facto de um estágio permitir aos estudantes lidar com questões reais, ao mesmo tempo que têm estabelecidos prazos que necessitam de respeitar. Outra vantagem é a possibilidade de explorar e experimentar várias áreas de especialização para perceber de quais se gosta mais e também em quais se sente mais confortável a trabalhar.

Uma última vantagem deste estágio em específico, sendo um estágio remoto, foi a possibilidade de continuar em Coimbra, sem necessitar de ter de me deslocar, o que foi benéfico em termos financeiros e de tempo. Por outro lado, não me deu a possibilidade de trabalhar em equipa ou num escritório. Apenas tive contacto com dois elementos da equipa, como já foi referido, não tendo a oportunidade de contactar com os restantes elementos.

Em alguns momentos, senti a necessidade de estar a trabalhar no mesmo espaço que outros tradutores, nomeadamente quando estava a ter dificuldades. Um desses episódios aconteceu no primeiro dia, como seria de esperar. Trabalhar com programas com os quais não estava familiarizada foi uma das maiores dificuldades que enfrentei nos primeiros dias. O facto de não ter tido formação sobre como o programa de tradução funciona contribuiu para este contratempo e demorei algumas semanas até estar confortável com o *SDL Trados*. Ainda assim, o Dr. Bruno mostrou-se disponível para me ajudar e para esclarecer qualquer dúvida.

Outra dificuldade foi a falta de *feedback*, uma vez que só recebia uma apreciação dos trabalhos que tinha enviado se houvesse algum erro e eu ainda estivesse a trabalhar no projeto. Isto é, em projetos grandes e com vários textos era normal que fosse enviando os textos em que

ia trabalhando para que se pudesse começar a fazer a revisão e pudessem ser enviados para o cliente a tempo. Assim, só recebia *feedback* se estivesse a cometer algum erro, de modo a poder corrigi-lo nos textos em que fosse trabalhar a seguir, dentro do mesmo projeto. Esta falta de comentários ao meu trabalho deixou-me com um sentido de incerteza acerca das minhas capacidades. Ainda assim, a verdade é que também não tive a iniciativa de pedir esse retorno.

Por último, uma dificuldade que surgiu, e esta não exclusiva ao estágio, é um problema que, possivelmente, afeta todos os tradutores, em algum momento da sua carreira. É o de estabelecer uma distância entre o original e a tradução que estamos a escrever, de modo a respeitar as regras da língua de chegada. Isto é, um tradutor, ao estar “imerso” no texto original e, conseqüentemente, na língua de partida, pode ter dificuldade em abster-se das estruturas e elementos da mesma e passá-los para a língua de chegada. Assim, podem cometer-se erros e, durante a minha experiência de estágio, fui vítima de alguns destes, dos quais me apercebi no processo de revisão. Quer tenha sido a estrutura da frase ou a regência de preposições, foram várias as vezes que me deixei influenciar pela língua de partida. Por este motivo, e também pelo meu interesse em Linguística, decidi investigar esta questão mais profundamente. Pretendo, assim, identificar casos problemáticos relacionados com transferência linguística, de modo a tentar prevenir situações futuras semelhantes para, no futuro, estar mais atenta no momento da revisão.

#### 1.4. Conclusões sobre o estágio

Optei pela realização de um estágio de 3 meses, em vez de um de 6 meses, por motivos pessoais, mas também para me certificar de que tinha tempo para me dedicar à redação do presente relatório. Assim, ainda que tenha sido um estágio de curta duração, acredito que foi fundamental para a minha formação enquanto profissional. Aprendi a trabalhar com um novo programa de tradução que penso que será uma mais-valia na minha futura carreira. Fortaleci as minhas capacidades linguísticas, tanto na minha língua materna, como na minha segunda língua. Ao mesmo tempo, tive ainda a oportunidade de trabalhar com o espanhol e de aprender um pouco mais sobre esta língua. No geral, sinto que ao longo destes meses tive uma verdadeira experiência de trabalho que me possibilitou entender como funciona uma empresa de tradução

e o que me espera no futuro. Penso que foi uma experiência de imenso valor, que me proporcionou bases para a minha futura vida profissional.

Sinto que um dos poucos aspetos que não pude vivenciar, com muita pena minha, foi o trabalho em equipa. No entanto, foi por preferência pessoal que optei por um estágio remoto e sabia, desde o início, que seria muito pouco provável que pudesse ter contacto com essa parte do mundo do trabalho.

Simultaneamente, apercebi-me também de várias dificuldades e problemas que um tradutor tem de enfrentar. Em vários projetos surgiram-me dúvidas ou apercebi-me de erros que cometi relacionados com a gramática. Alguns desses problemas podem decorrer do fenómeno de transferência linguística, termo que será definido e aprofundado nos próximos capítulos.

## 2. Línguas em Contacto

Em 1953, Weinreich publicou pela primeira vez a sua obra *Languages in Contact*. O presente capítulo baseia-se nesta mesma obra, que retrata a forma como várias línguas atuam quando em contacto. Atualmente, as circunstâncias mudaram: as línguas continuam a estabelecer relações, mas com o rápido desenvolvimento tecnológico e científico, as situações de contacto aumentaram. Várias invenções, como a *internet* e o telemóvel, e avanços na tecnologia vieram facilitar a aprendizagem de línguas, permitir viagens mais acessíveis e rápidas para qualquer parte do mundo, o que possibilita uma experiência mais imersiva e rápida de contactar com línguas e culturas, e desenvolver o mercado global, o que fortaleceu as relações comerciais entre países.

Com esta nova abertura do mundo, a tradução tornou-se ainda mais necessária. O tradutor tomou o papel de ponte comunicativa entre várias culturas. Desta forma, é crucial que o tradutor domine, pelo menos, duas línguas, sendo uma delas a sua língua materna. Consequentemente, no seu trabalho e dia-a-dia tem, mentalmente, duas línguas em contacto. A base deste relatório incide sobre a forma como tradutores trabalham com duas línguas ao mesmo tempo e conseguem fazer a gestão entre as duas, de forma a que não sejam influenciados pela língua de partida (LP) ao escrever na língua de chegada (LC).

O contacto entre línguas pode dar-se em dois planos: a nível físico, em que existem realmente duas comunidades linguísticas (ou mais) que estão em contacto; ou a nível mental, isto é, na cabeça de um falante bilingue (ou multilingue), como irá ser aprofundado mais à frente.

Quando duas línguas estão em contacto durante muito tempo podem influenciar os seus falantes mutuamente e, por vezes, isso acontece de uma forma permanente. Atente-se agora na variação linguística.

## 2.1. Variação Linguística

A mudança de uma língua é um fenómeno natural, decorrente, entre outros fatores, do contacto entre línguas. De facto, a mudança linguística é um processo inerente a qualquer língua (Mota M. A., 1996, p. 511). A influência entre si dá origem a alterações de vocabulário e, até, de estruturas que enriquecem e renovam a língua.

O contacto entre línguas é um dos fatores que mais contribuem para desencadear variação linguística a qual, ao ser progressiva e sistematicamente incorporada nos usos dos seus falantes, levará eventualmente a uma situação de mudança de alguns parâmetros da língua. (Faria, 2003, p. 35)

É importante esclarecer a diferença entre mudança e variação. Mira Mateus faz essa distinção, afirmando que *mudança* designa “a variação no tempo, diacrónica ou histórica”, enquanto *variação* diz respeito a “variedades nacionais, a variação dialetal no interior das variedades, a variação social ou diastrática e a variação individual correspondendo a diferentes situações de comunicação” (Mateus, 2002, p. 7). Deste modo, para este trabalho será mais relevante estudar a variação nas suas várias formas, assim como as consequências que esta acarreta para a língua.

Feita a distinção entre mudança e variação, é agora necessário entender o que separa a variação *diacrónica* da variação *sincrónica*. “É sincrónico tudo o que se refere ao aspeto estático da nossa ciência, diacrónico tudo o que diz respeito às evoluções” (Saussure, 1992, p. 144). Por outras palavras, a variação sincrónica diz respeito às variações que ocorrem no mesmo período de tempo, diferindo consoante o espaço, a comunidade e o indivíduo. Enquanto a variação diacrónica se refere à evolução da língua no tempo, desde o seu momento de génese até à atualidade.

Dentro da variação sincrónica, como já foi mencionado acima, pode ainda dar-se variação em termos geográficos, culturais ou individuais.

A variação no espaço denomina-se *diatópica*. É devido a este tipo de variação que existem várias variedades de uma língua faladas por todo o mundo.

... os habitantes da mesma localidade (...), constituindo assim uma comunidade menor, geograficamente delimitada, no seio de outra mais extensa, desenvolveram modos de atuação que lhes são peculiares e os individualizaram, distinguindo-os dos habitantes de outras regiões, de outras localidades. (Carvalho, 1979, p. 298)

A variação geográfica é, talvez, a de que mais pessoas têm conhecimento. Não só por se falar de variedades da mesma língua em vários países, mas também por existirem dialetos, falares e sotaques dentro de Portugal.

Segundo o Instituto Camões, em 2022 o português era falado por mais de 260 milhões falantes, sendo a língua oficial de 9 países (Instituto Camões, 2022). Estes países constituem a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), formada por Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. Ainda que possam parecer semelhantes, em cada um destes países falam-se variedades díspares do português, que diferem em aspetos fonéticos, morfológicos, sintáticos e lexicais.

Até mesmo variedades da mesma língua podem ter influência uma sobre a outra. Segundo Isabel Hub Faria (Faria, 2003, p. 36), “As transferências não se dão apenas entre línguas distintas, mas podem também ter lugar entre variedades regionais ou entre variedades sociais de uma mesma língua”. Atualmente, um exemplo desta influência é a forma como muitas crianças portuguesas, com pais portugueses, estão cada vez mais a utilizar a variedade do português do Brasil, misturando-a com a variedade do português europeu (Luz, 2021). A principal razão é o facto de as crianças preferirem assistir a conteúdos em plataformas digitais produzidos, maioritariamente, por criadores brasileiros. Não quer isto dizer que estas crianças estejam a cometer *erros* de português. No entanto, é muito interessante perceber como é que elas adquirem características de uma variedade da língua que não é igual à dos pais, enquanto vivem rodeadas por falantes dessa mesma variedade.

Para além dessas variedades, o contacto entre o português e outras línguas minoritárias existentes em cada zona deram origem a crioulos e *pidgins*, como irá ser abordado mais à frente neste capítulo.

Quanto à variação *diastrática*, diz respeito às variações culturais.

... os padrões culturais, a forma e o grau de cultura, e também as atividades habituais (...) que, determinando a formação de comunidades distintas, dentro das quais os indivíduos estão interligados por relações mais íntimas, determinam por isso mesmo modos de falar, técnicas linguísticas diversas (Carvalho, 1979, p. 300)

Esta diversidade pode afetar os falantes, em certa parte, devido à sua classe social, mas também devido à sua ocupação profissional que os obriga a utilizar *linguagens especiais* (Carvalho, 1979, p. 301). Carvalho (1979) dá vários exemplos da diversidade linguística entre profissionais, por exemplo, um varredor de rua, um médico ou um professor não partilham da mesma gíria. Cada profissão tem jargão que conhece por ter formação ou experiência nessa área, assim, é natural que se reconheçam diferenças no discurso. A educação e formação que um indivíduo recebe irá, sem dúvida alguma, afetar o seu discurso. Por este último aspeto, um tradutor necessita de ter em consideração este tipo de variação, atentando no público-alvo que irá ler o texto.

A variação *diafásica* refere-se à forma de falar de cada falante.

Se tomarmos com efeito uma comunidade linguística homogênea, cujos membros disponham de técnicas linguísticas praticamente idênticas, e aí observamos cada um desses membros no seu atuar linguístico, vemos que eles não falam sempre do mesmo modo, variando este segundo as circunstâncias que momentaneamente determinam ou condicionam os seus actos. (Carvalho, 1979, p. 301)

Estas preferências estilísticas podem ser propositadas ou ao acaso. Um falante pode optar por um estilo mais coloquial, para falar com os seus iguais, ou um estilo mais refletido, para falar com os seus superiores ou pessoas que não conhece. A situação de comunicação é, por isso, um fator que afeta a forma como um indivíduo fala.

Carvalho (1979) afirma, então, que estas individualidades linguísticas são o “resultado da adequação” (p. 302) que é “o ato pelo qual o sujeito agente escolhe os meios e instrumentos adequados à finalidade que pretende alcançar” (p.303). O falante tenta sempre que o seu discurso seja adequado à situação conversacional e ao contexto em que está inserido e que cumpra o propósito desejado.

Todas estas peculiaridades diatópicas, diastráticas e diafásicas levam a que cada falante tenha certas particularidades no seu discurso que o caracterizam e individualizam. A estas preferências estilísticas dá-se o nome de *idioleto*. Isto é, cada falante é influenciado pela sua variedade regional, pelos que o rodeiam, pela profissão que exerce e, até mesmo, pela própria situação conversacional, o que vai determinar o registo de língua que deve utilizar. Todos estes fatores determinam a forma específica de falar de cada indivíduo, sendo que o tradutor não é exceção. A forma como o idioleto de um tradutor pode influenciar um texto será, por isso, explorada no capítulo 3.4.

Por sua vez, a variação *diacrónica* refere-se às múltiplas alterações que a língua sofre através do tempo. A língua vai-se modificando, naturalmente, à medida que é usada por falantes com diferentes escolhas. Assim, vai sofrendo alterações com o tempo. Estas alterações acontecem paulatinamente, sendo que a mudança nem sempre é totalmente perceptível para os falantes. O contacto entre línguas, o desenvolver histórico e, até mesmo, a individualidade de cada falante tornam a variação inevitável. É comum na linguística dizer-se que “são os falantes que fazem a língua”, uma vez que são estes que a usam todos os dias e que escolhem a forma como a empregam. Existe uma norma que dita o que é considerado “correto” e que garante alguma conservação da língua. No entanto, as línguas, sendo organismos vivos, estão sempre sujeitas a sofrer alterações. Segundo Isabel Hub Faria, “qualquer língua natural varia ao longo do tempo e do espaço da sua utilização” (Faria, 2003, p. 33), pelo que estas alterações na língua nem sempre constituem um erro. É uma evolução natural da língua.

Deste modo, é importante definir o conceito de *erro*. Peres e Mória (Peres & Mória, 1995, p. 40) consideram *desvio* linguístico, também podendo ser denominado de “erro, ou anomalia, ou irregularidade”, as construções que obedecem, pelo menos, a duas condições: “(i) constituírem ruturas com o subsistema ou variante de que é suposto fazerem parte; e (ii) não serem integradas – pelo menos, plenamente – pela comunidade linguística de suporte”. Mória (Mória, 2004, p. 109) considera que o que define a norma do português europeu são aspetos como textos escritos (literários e oficiais), a comunidade linguística de suporte, tipicamente, com uma alta escolarização, e materiais como gramáticas, dicionários, prontuários, manuais de estilo, etc.

Na linguística atual, a dicotomia certo/errado já não é utilizada, sendo preferível utilizar termos dentro de um espectro, entre *obrigatório* e *inaceitável* (Castro, 1991, p. 56). Para este trabalho, no entanto, serão preferidos os termos “*agramatical*” para quando uma frase se desvia das normas da gramática e “*aceitável*” para quando a frase não contém erros gramaticais, mas poderia estar mais natural na língua.

Ainda que no presente estudo se assuma uma perspectiva mais normativa, é de realçar o “princípio linguístico de que o normal de hoje foi rutura de ontem” (Peres & Mória, 1995, p. 41). A língua está em constante mudança, pelo que as agramaticalidades encontradas nas traduções que serão analisadas no capítulo 3 poderão a ser a norma no futuro. O objetivo deste trabalho é apenas o de assinalar algumas influências do inglês no português, de modo a que possam ser antevistas em ocasiões futuras, tendo sempre como principal preocupação o leitor e a compreensão da mensagem.

Dentro de Portugal há diversos tipos de variações geográficas, que são explicadas por motivos históricos, mas também pela proximidade com Espanha. Consideram-se agora esta e outras situações de contacto entre línguas.

## 2.2. Comunidades linguísticas em contacto

Atualmente, existem cerca de 8000 línguas naturais e por volta de 200 Estados-nação, segundo a UNESCO. Não é difícil perceber que, de acordo com estes dados, as fronteiras linguísticas nem sempre correspondem às fronteiras geopolíticas. Existem países em que se fala a mesma língua, ainda que se trate de variedades diferentes (exemplo de Portugal e Brasil), e países com mais do que uma língua oficial, os chamados países multilingues (por exemplo, Suíça e África do Sul). Existe também o caso das comunidades que vivem junto à fronteira de dois países e que acabam por estar em contacto com duas línguas. O exemplo mais próximo que existe para o português europeu é a fronteira entre Portugal e Espanha. Devido à sua semelhança linguística, assim como à proximidade geográfica, o português e o castelhano acabam por se influenciar mutuamente. Espanha também é um país multilingue (castelhano, catalão, galego e basco) e um exemplo de uma língua espanhola com uma profunda relação com o português é o galego.

Deste modo, é importante questionar e explorar a forma como o inglês, uma língua germânica, influencia o português, uma língua românica, quando não existe proximidade geográfica ou linguística. Existem vários fatores a considerar que serão abordados mais à frente.

Uma outra situação em que existe contacto entre línguas é, como foi referido, a dos países multilingues. Estes países têm, por razões históricas, políticas e sociais, várias línguas dentro das suas fronteiras. São vários os exemplos, desde ex-colónias que tanto têm como língua oficial a língua dos seus colonizadores, como têm crioulos e *pidgins* que resultaram, exatamente, do contacto de línguas, a países europeus como a Suíça e a Espanha que têm vários idiomas oficiais, dependendo da região e as suas fronteiras. Associado ao que foi dito anteriormente está o fenómeno da *diglossia*, que acontece quando, numa comunidade bilingue as línguas “podem especializar-se funcionalmente, o que significa que cada uma das línguas é preferencialmente utilizada com determinados fins e em determinadas circunstâncias” (Mota M. A., 1996, p. 520). Um país que serve de exemplo para este fenómeno é Cabo Verde, onde o português é a língua oficial, assim como é a língua que é ensinada nas escolas, apesar de, em contexto social e situações informais, a comunidade linguística utilizar crioulos (O que é diglossia?, 2008).

Outra situação de línguas em contacto é a de comunidades linguísticas inseridas em países cuja língua oficial não seja a sua *língua primeira* (L1), ou seja, a primeira língua que um falante adquire (também referida como *língua materna*), opondo-se à *língua segunda* (L2), que diz respeito à segunda língua que um falante adquire ou aprende. Um exemplo desta situação são as comunidades de portugueses a viver nos Estados Unidos da América. Ainda que falem português e inglês – à semelhança de um falante que viva em Portugal –, nessa comunidade emigrante, podem existir influências da L2 na L1 que não são comuns a todos os falantes. Neste caso, o principal motivo para o contacto entre línguas é a migração. Quer sejam voluntárias ou involuntárias, as migrações possibilitam a coexistência de comunidades linguísticas com características distintas, já que a L2 surge como uma Língua Segunda e não como uma Língua Estrangeira. Por Língua Estrangeira (LE) entende-se o termo que “deve ser usado para classificar a aprendizagem e o uso em espaços onde essa língua não tem qualquer estatuto sociopolítico” (Madeira, 2017). Por outras palavras, é uma língua que é aprendida e utilizada num ambiente fora do seu domínio político. Por exemplo, em Portugal o inglês é ensinado nas escolas como língua estrangeira.

A par dos contextos de migração, há ainda muitos outros fatores que fomentam o contacto de línguas como, por exemplo: o desenvolvimento de novas tecnologias, que permite que haja uma aproximação de povos e culturas, uma vez que as viagens são agora mais fáceis e acessíveis; a livre circulação de pessoas e bens, nomeadamente nos países da União Europeia, também permite esta abertura para novas culturas e línguas (Faria, 2003, p. 37). Todos estes fatores contribuem para aumentar a diversidade linguística destes países, assim como para alimentar a cultura dos mesmos.

Será interessante olhar para o caso de Portugal para perceber a forma como um país com apenas Espanha a fazer fronteira tem situações de contacto.

### 2.2.1. O caso de Portugal

Ao contrário do que se possa pensar, não existem muitos países monolíngues (Almeida, 2001). Ainda que grande parte dos portugueses não saiba, Portugal é um país bilingue, uma vez que tem duas línguas oficiais. A maior parte dos falantes fala português, mas existe uma segunda língua oficial, o mirandês. Paiva Boléo (1961) considerava a existência de 4 dialetos em Portugal: gadramilês, rionorês, barranquenho e mirandês. No entanto, o mirandês foi tornado língua oficial de Portugal, em 1999. Note-se, no entanto, que, cada vez mais, o mirandês está a cair no desuso e acredita-se que possa deixar de existir nos próximos anos (Pires, 2023). Uma preocupação para os linguistas é o facto de a existência de uma língua franca, como o inglês, poder vir a substituir línguas minoritárias, levando à sua extinção. É importante conservar as línguas nacionais, ao mesmo tempo que é também importante incentivar à aprendizagem de línguas estrangeiras, visto que um falante adquire novas competências linguísticas e novas perspetivas culturais.

O ensino de línguas estrangeiras nas escolas portuguesas contribui para aumentar a diversidade linguística no país e permite que as crianças tenham contacto com novas formas de cultura. Efetivamente, é em idades mais novas que a aprendizagem de novas línguas é mais fácil, pelo que é extremamente importante que outras línguas sejam ensinadas nas escolas, cada vez mais cedo.

De facto, em Portugal, tem-se assistido a um aumento das pessoas que falam mais do que uma língua. Se em 2007 a percentagem de pessoas com idade entre os 18 e os 64 anos que "afirmaram conhecer outra língua para além da língua materna" era de 52%, em 2016, a percentagem subiu para 71,8% (DN/Lusa, 2017). Entre o final dos anos 90 e até 2015, começaram a ser ensinadas, nas escolas portuguesas, mais línguas estrangeiras (Pinto, 2017, p. 41). Atualmente, segundo o *website* da Direção-Geral da Educação, existem 6 línguas estrangeiras que podem ser ensinadas nas escolas portuguesas: alemão, espanhol, francês, inglês, italiano e mandarim. O inglês é a única língua que é ensinada, obrigatoriamente, desde o 3º até ao 9º ano, sendo opcional no ensino secundário. O ensino, cada vez mais cedo, de línguas estrangeiras possibilita que as crianças se tornem proficientes noutras línguas, o que proporciona situações de bilinguismo.

### 2.3. Bilinguismo

Como foi referido, as línguas podem estar em contacto em várias circunstâncias e uma delas é mentalmente. Nessas situações, fala-se, então, de *bilinguismo*. Antes de mais, é fundamental definir o conceito. Ao longo dos anos, vários autores definiram este fenómeno. Entre eles está Bloomfield, que em 1933, na sua obra *Language*, definiu o bilinguismo como "native-like control of two languages" (p.56). Por seu lado, Weinreich, em 1968, começa a sua obra *Languages in Contact* afirmando "The practice of alternatively using two languages will be called bilingualism, and the person involved bilingual" (p.1). Para este relatório, é tida em consideração a definição de Weinreich.

Já tendo sido feita a distinção entre L1, L2 e LE, é, ainda, necessário fazer a distinção entre *aquisição* e *aprendizagem* de línguas, conceitos fundamentais para o estudo do bilinguismo. Segundo Yule,

The term acquisition describes the gradual development over time of ability in a language by using it naturally in communicative situations with others who know the language (...) The term learning, however applies to a more conscious process of accumulating knowledge through analysis of features of a language, such as vocabulary and grammar... (Yule, 2018, p. 209)

Por outras palavras, o processo de aquisição acontece, maioritariamente, quando o falante ainda é criança e não tem consciência de que está a adquirir uma nova capacidade. A criança é exposta a um constante *input* linguístico por parte da sua família e acaba por absorver inconscientemente as regras da gramática.

Por sua vez, a aprendizagem acontece, normalmente, numa idade mais avançada em que o falante tem já capacidades linguísticas em, pelo menos, uma língua. Nesta fase, o falante está consciente do processo de aprender uma nova língua e é ensinado sobre as regras da mesma. Recorre-se à metalinguagem, visto que há alguém que fala, reflete e ensina a língua.

Para além da distinção feita anteriormente sobre a forma como um falante se torna bilingue, se por aquisição, se por aprendizagem, é também importante falar sobre a classificação de falantes bilingues. Segundo Groot (2011), existem vários tipos de falantes bilingues. Uma forma de os categorizar é através da idade. Dependendo da idade em que se tornam bilingues, os falantes podem ser *bilingues precoces*, se adquirirem a sua L2 enquanto ainda são crianças, ou *bilingues tardios*, se aprenderem a sua L2 já mais tarde, por exemplo como adolescentes ou em adultos (Groot, 2011, p. 5). É também possível fazer esta classificação em termos de fluência. Se um falante tiver desenvolvido as suas capacidades linguísticas da L2 ao ponto de atingir proficiência linguística, dir-se-á que é um *falante bilingue proficiente*. Se, pelo contrário, o falante tem conhecimentos da L2, mas não a domina a um ponto de proficiência denomina-se *falante bilingue não-proficiente* (Groot, 2011, p. 4).

Falantes bilingues têm sempre as duas línguas presentes, mesmo que num momento de discurso estejam apenas a utilizar uma das línguas. Consequentemente, podem acontecer fenómenos linguísticos como o *code-switching* ou o *code-mixing*. No seu discurso do dia-a-dia, falantes bilingues podem alternar entre as suas duas línguas no mesmo discurso, quer seja por não se lembrarem de uma determinada palavra ou por estarem a falar com outro falante bilingue. Isto acontece, principalmente, quando os falantes têm uma grande proficiência nas duas línguas ou quando vivem num país cuja língua oficial é a sua L2. A este fenómeno dá-se o nome de *code-switching*, que pode ser ilustrado pelas seguintes frases: “Li esse livro e foi uma *rollercoast of emotions*. É um dos meus preferidos” ou “Porque carga de água *would she do this?* Não consigo entender”. O falante começa o seu discurso a falar numa língua, mas, a certo ponto, altera para outra, por exemplo, para usar uma expressão idiomática que não existe na primeira língua, e acaba por voltar à língua com que começou o seu discurso. O que também

pode acontecer é, em vez de o falante mudar de língua, misturar elementos de uma língua na outra, e este fenómeno denomina-se *code-mixing*, por exemplo: “*The lack of* noção, estou tão *mad* neste momento” ou “*Oh my God*, que *cute!* Adoro o teu *eyeliner*”.

Estes fenómenos podem resultar em influências suscetíveis de afetar um falante e um tradutor no seu trabalho. No entanto, *code-switching* é mais frequente no discurso oral do que na escrita. Este fenómeno parece acontecer mais quando o falante está a comunicar com outro bilingue que partilha o mesmo par de línguas. Por conseguinte, Grosjean (1997) formulou a teoria denominada “The Bilingual’s Language Modes”. Esta teoria pode ser ilustrada pelo *continuum* abaixo apresentado na figura 1.

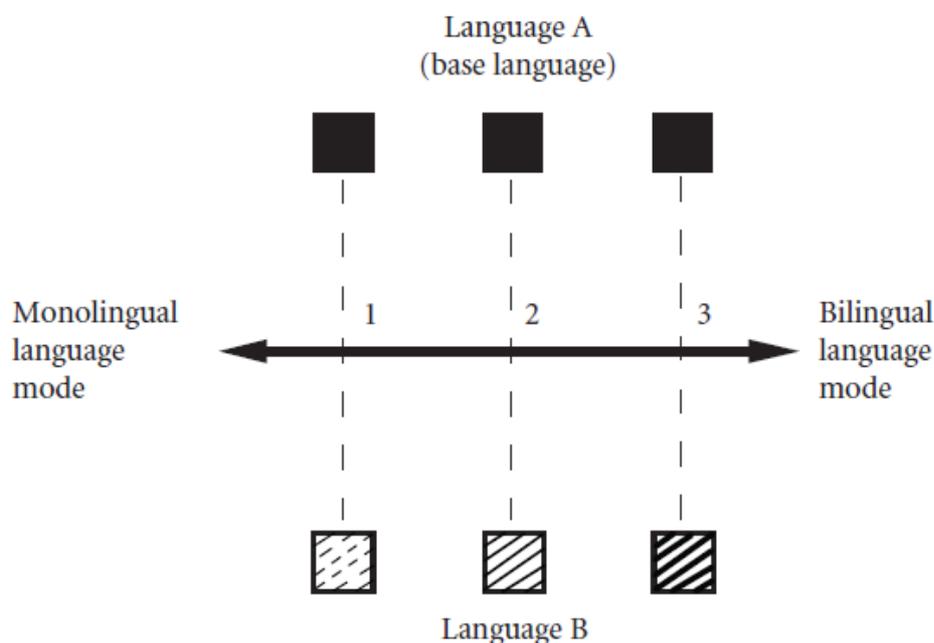


Figura 1: Continuum dos modos de linguagem de Grosjean (1997, p. 169)

A figura 1 demonstra como, numa situação conversacional entre um bilingue e um monolingue, o bilingue utiliza maioritariamente, senão exclusivamente, a língua que partilha com o monolingue. No extremo oposto do *continuum*, quando a conversa acontece entre dois bilingues, ainda que o discurso seja feito numa das línguas, o falante ativa ambas porque sabe que o recetor irá entender. Assim, a probabilidade de existir *code-switching* aumenta.

Ainda que se esteja a falar com um bilingue, a escolha da língua pode também ser afetada pelo tema da conversa. Bilingues que utilizam constantemente as duas línguas podem expressar-se através das duas, dependendo sempre da situação conversacional. É comum os

falantes atribuírem funções a cada uma das línguas, ou seja, escolherem línguas para usar em diversos contextos. Por exemplo, sugere-se em vários estudos que falantes bilingues têm maior facilidade em expressar as suas emoções na sua L2 (Gené, 2022). Podem existir vários motivos para a preferência: na cultura da sua L1 não ser frequente os falantes falarem dos seus sentimentos; o facto de os falantes adquirirem a L1 com família e amigos, o que acarreta um peso emocional maior, enquanto a L2 é, muitas vezes, aprendida na escola, o que pode não evocar sentimentos tão fortes (Reiter, 2017).

Ao falar de bilinguismo é também relevante falar de *biculturalismo*, uma vez que um falante, quando aprende uma língua, está também a conhecer uma nova cultura. A teoria do relativismo linguístico de Sapir-Whorf defende que a língua materna do falante influencia a sua perspectiva do mundo (Hussein, 2012, p. 642). Com efeito, um falante, ao aprender uma nova língua, está também a aprender uma nova cultura e uma nova conceção do mundo. Sendo assim, o papel dos tradutores não é apenas o de transmitir o significado do texto de uma língua para outra, mas o de transferir a cultura e todo o contexto a ela associada. Em seguimento desta teoria, Lauren Landsberry coloca a seguinte questão:

So, a bilingual's linguistic repertoire will impact on their cognitive ability and how they see and interact with the world. How will these findings affect a bilingual speaker, will they lean towards their dominant language or will they have two ways of thinking?  
(Landsberry, 2019, p. 147)

Esta pergunta é extremamente importante para os estudos de tradução, uma vez que implica que um tradutor consiga passar a mesma mensagem quando, por vezes, pode nem existir uma equivalência. Um bilingue é, obrigatoriamente, bicultural. No entanto, nem todos os bilingues são, automaticamente, tradutores. Há um conjunto de qualidades que um tradutor deve ter, nomeadamente, conhecer tanto a cultura de partida como a de chegada, para que consiga transmitir a ideia do texto.

Em Portugal, há cada vez mais pessoas bilingues (DN/Lusa, 2017). A maior parte tem o português como língua materna e o inglês como a sua L2. Vários fatores explicam o crescimento da língua inglesa, como será exposto no próximo subcapítulo.

## 2.4. Língua Franca

Atualmente, o inglês é uma língua global. Segundo a UNESCO, *lingua franca* “...now refers to a language that is used as a vehicle of communication between speakers of different mother tongues” (Baker, 2020, p. 290). Desta forma, é possível afirmar que o inglês cumpre esta função, ao ser uma língua muito difundida, com muitos falantes e que permite a comunicação entre vários cidadãos do mundo. A principal vantagem da existência de uma língua franca é exatamente essa: a de que todos os falantes do mundo tenham uma língua comum que podem usar para comunicar entre si.

The convenience of having a lingua franca available to serve global human relations and needs has come to be appreciated by millions. Several domains (...) have come to be totally dependent on it – the computer software industry being a prime example. (Crystal, 2003, p. 30)

Como David Crystal afirma nesta citação, existem áreas que dependem muito de uma língua franca, nomeadamente a da informática e da tecnologia. Tradutores especializados nestes âmbitos sabem que muitos termos não têm tradução e os que têm são termos que foram criados ou por decalque ou por processos neológicos. Ainda que, neste sentido, a língua franca pareça um grande benefício, acarreta também grandes desvantagens, nomeadamente, a não necessidade de tradução: uma vez que todos os falantes teriam conhecimento de uma língua, não seriam necessários tradutores. Também existiria um desequilíbrio entre falantes nativos e os falantes de inglês como LE/L2. Uma língua artificial podia ser uma opção, mas, como aconteceu com o *esperanto*, pode também falhar. Para além disso, os falantes iriam ficar desmotivados no que toca à aprendizagem de novas línguas, porque não iam sentir a necessidade de adquirir mais línguas que não a sua língua primeira e a língua franca, o que, para alguns, podia ser coincidente (Crystal, 2003). E, por último, outra desvantagem seria o desaparecimento de línguas minoritárias, causado pelo imperialismo linguístico do inglês e a consequente globalização.

Não é uma coincidência o facto de as línguas mais faladas no mundo atualmente corresponderem a línguas faladas em países colonizadores. Na época dos Descobrimentos, a colonização foi um grande instrumento de difusão das línguas europeias, que vigora até aos

dias de hoje. Essas antigas colônias têm como língua oficial o inglês, o espanhol, o português, etc.

No seguimento desta ideia, impõe-se a questão: de todas as línguas europeias, qual a razão para o inglês ser atualmente a língua universal? A resposta deriva de um conjunto de fatores. O imperialismo inglês nos séculos XVIII e XIX permitiu espalhar a língua inglesa por vários povos, que são, agora, países cuja língua oficial – ou pelo menos uma delas – é o inglês. Já mais tarde, no século XX, os EUA afirmaram-se como a grande potência económica e política do século, graças a eventos como a Segunda Guerra Mundial ou a Guerra Fria. Acontecimentos como estes provocaram a globalização, que trouxe avanços tecnológicos, facilitou a comunicação e a circulação de pessoas e bens, o que, conseqüentemente, aproximou povos e línguas e aumentou as situações de contacto. A tradução foi um meio que possibilitou a globalização (Baker, 2020, pp. 216 - 217). Através da tradução de filmes de Hollywood e de séries americanas, a propagação da cultura americana atingiu o seu pico. Por outro lado, nos dias de hoje, as plataformas de *streaming* dão a oportunidade de assistir a conteúdos de vários países, em várias línguas, com tradução por legendagem, a qualquer hora do dia. Este tipo de conteúdo possibilitou uma “nova” forma de aprendizagem que tem crescido nos últimos anos e que consiste em o falante ouvir a língua que está a ser falada ao mesmo tempo que lê a legenda na sua L1. Cada vez mais jovens aprendem novas línguas através deste método. Para além da aprendizagem de uma nova língua, adquirem também a cultura dessa comunidade linguística, o que, como já foi mencionado, contribui em grande parte para a própria globalização e, em simultâneo, para o multiculturalismo e para a diversidade cultural. As redes sociais são também uma nova forma de difusão de uma língua. Ao serem globais e utilizadas por falantes de várias línguas, não só permitem uma rapidez de informação nunca antes vista, mas favorecem o intercâmbio linguístico.

No fundo, todos os aspetos mencionados neste capítulo são relevantes nos estudos de tradução. É importante perceber como é feita a alternância entre línguas e, principalmente, como o tradutor trabalha com duas línguas em simultâneo, assim como perceber como o contacto entre línguas pode levar a fenómenos como a *transferência* e as suas conseqüências para o tradutor e o seu trabalho. Esta última questão é abordada no próximo capítulo.

### 3. Transferência Linguística

Em termos gerais, pode definir-se *transferência linguística* como a aplicação de elementos linguísticos de uma língua em outra. Isto é, utilizam-se as características de uma língua (estrutura da frase, regência de verbos ou preposições, etc.) e aplicam-se em outra língua. Na maior parte dos casos, isto acontece no processo de aquisição/aprendizagem de uma L2 e faz-se uma transferência da estrutura da nossa língua materna, com a qual estamos familiarizados, para a língua que estamos a aprender ou em que somos menos fluentes. No entanto, pode acontecer também na tradução, quando elementos da L2 influenciam o texto da L1.

A transferência pode impor-se como um problema para tradutores, na medida em que o tradutor, ao estar concentrado no original, pode fazer uma transferência, por exemplo da estrutura da frase, que não irá soar tão natural na língua de chegada ou que poderá, até mesmo, ser um desvio da norma. Ao mesmo tempo, pode também constituir uma estratégia de tradução, através do uso de estrangeirismos ou empréstimos, de decalques e/ou neologismos. Nestes casos, a transferência é feita por não existir um conceito equivalente a certos conceitos ou expressões. Isto é particularmente comum em áreas técnicas e científicas.

O conceito de *transferência* é extensamente abordado, causando a existência de várias definições:

- Pode ser aplicado ao ensino, com o termo *language transfer* em inglês, e ser definido como o processo em que “o aprendente transfere traços linguísticos da L1 para a L2” (Suisse, 2020, p.35).

- Pode ser utilizado na tradução, como *transference*, e é definido por Catford (1965) como “an operation in which the TL [Target Language] text, or, rather, parts of the TL texts, do have values set up in the SL [Source Language]: in other words, have SL meaning.” (p.43)

- Pode ser utilizado como um substituto mais atual para o já ultrapassado, ainda que basilar, termo interferência (*interference*), definido por Weinreich (1968), como “Those

instances of deviation from the norms of speech of either language which occur in the speech of bilinguals as a result of their familiarity with more than one language” (p. 1).

Odlin (1989) defende o conceito de transferência (*transfer*) em vez de interferência.

Transfer is not simply *interference*. (...) much of the influence of the native language (or of some other previously learned language) can be very helpful, especially when the differences between two languages are relatively few. (...) The term *interference* implies no more than what another term, **negative transfer**, does, but there is an advantage in using the latter term since it can be contrasted with **positive transfer**, which is the facilitating influence of cognate vocabulary or any other similarities between the native and target languages. (Odlin, 1989, p.26)

Deste modo, Odlin defende a existência de *transferência positiva* – semelhante ao conceito de transferência no ensino, isto é, um método que facilita o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, por o aluno se aproximar da LC mais facilmente – e de *transferência negativa*, o que corresponde ao que muitos autores consideram *interferência*. Serão estas noções de transferência (positiva e negativa) que irão ser tomadas em consideração no presente relatório.

Semelhante a esta categorização, pode ainda dividir-se a transferência entre consciente, caso seja feita propositadamente, como estratégia de tradução ou de aprendizagem de língua, e inconsciente, caso seja o resultado espontâneo da influência de uma língua na outra (Benson, 2002).

### 3.1. Influência interlinguística

Todo o capítulo 3 incide sobre a influência específica que a língua inglesa tem na língua portuguesa. No próximo subcapítulo serão apresentados exemplos práticos do estágio curricular com este mesmo par de línguas, demonstrando como um tradutor pode ser influenciado ou, por outro lado, resistir à influência da LP na LC. Nesta secção, no entanto, serão utilizados exemplos do uso coloquial da língua, no dia-a-dia de falantes nativos do português, através de conteúdos publicados em redes sociais (por exemplo, *podcasts*, vídeos de *Youtube*, etc.). Assim,

e antes de se apresentarem exemplos, é importante entender a forma como acontece esta influência.

Ainda que, no capítulo anterior, já tenham sido abordados fatores que justificam a existência de transferência linguística e influências entre línguas, é de especial interesse perceber o porquê de o inglês afetar o português, em específico.

Na atualidade, a cultura americana está altamente difundida pelo mundo, o que torna os EUA, possivelmente, o país mais influenciador, culturalmente. Atualmente, o meio de difusão mais influente é o entretenimento, uma vez que se assistiu a um aumento na criação e na exportação de conteúdos de entretenimento, com características da cultura americana. Grande parte dos portugueses consome, frequentemente, filmes, séries, documentários, música, ou até mesmo conteúdos nas redes sociais em inglês, principalmente. Ao consultar o *ranking* dos filmes e das séries mais vistas de uma das plataformas de *streaming* com mais utilizadores – a *Netflix* – é possível observar que das 10 séries mais vistas, 7 são faladas em inglês. Já no que diz respeito aos filmes, 6 são em inglês. O restante conteúdo é produzido em várias línguas, como o espanhol, neerlandês, norueguês ou coreano.<sup>1</sup> O mesmo acontece, nas rádios portuguesas. Entre as 10 músicas mais ouvidas da semana, na *Rádio Comercial*, constam 7 músicas em inglês e 3 em português. Dessas 7 músicas, 3 dos artistas não são falantes nativos de inglês.<sup>2</sup>

Outras áreas que funcionam como meios de difusão da língua inglesa são a moda e a informática. Existem vários termos destas áreas no dicionário português que são estrangeirismos ou provenientes do inglês, por exemplo, *body* e *top*, para designar uma peça de roupa ou *software* e *pen*. Nestes exemplos é possível perceber que, ainda que os termos do inglês sejam usados em português, não quer isso dizer que tenham o mesmo significado na LC que têm na LP. O termo *top*, em inglês, significa “any piece of clothing worn on the part of the body above the waist”<sup>3</sup>, ou seja, é usado para referir qualquer peça de roupa que seja usada na parte de cima do corpo, no torso. Já em português, *top* refere-se a “peça de vestuário feminino, geralmente sem mangas, que cobre o tronco”<sup>4</sup>, o que, ao indicar que a peça não tem mangas,

---

<sup>1</sup> Retirado do *website* oficial da *Netflix* (<https://www.netflix.com/pt/>) a 4 de setembro de 2023

<sup>2</sup> Retirado do *website* oficial da Rádio Comercial (<https://radiocomercial.pt/programas/tnt-todos-no-top>) a 4 de setembro de 2023

<sup>3</sup> Retirado do dicionário Cambridge (<https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/top>) a 6 de junho de 2023

<sup>4</sup> Retirado do dicionário Priberam (<https://dicionario.priberam.org/top>) a 6 de junho de 2023

implica uma peça de vestuário de verão. Existe, portanto, uma ligeira alteração de significado. Por sua vez, o termo *pen* designa, em português, um dispositivo informático, enquanto em inglês o termo *pen* traduz-se por caneta, existindo o termo *pen drive* que é mais adequado para o termo informático. Estes termos foram, portanto, submetidos a um processo de ressignificação. Estas ressignificações podem causar problemas futuros na tradução ao confundir o tradutor com falsos cognatos, como será abordado mais à frente.

Para além dos motivos, é também relevante atentar nas consequências que a influência do inglês acarreta no português e nos seus falantes. No contexto geral, do dia-a-dia dos falantes nativos do português, as influências que surgem na língua portuguesa vão-se integrando no léxico e no discurso das pessoas, proporcionando, assim, um enriquecimento na língua portuguesa. O crescimento do uso de redes sociais, nomeadamente do *Facebook*, levou a que começassem a ser usados vários novos conceitos derivados do inglês (*like*, *postar*, *story*...). Este aumento afetou inicialmente a população mais jovem, mas rapidamente se disseminou para a população mais velha, caracterizada por uma escolaridade mais baixa e com menos conhecimento do inglês. É, no entanto, nas gerações mais novas que mais se observa o uso de expressões inglesas ou de influência inglesa. No subcapítulo seguinte, apresentar-se-ão exemplos de textos traduzidos ou revistos durante o estágio curricular. No entanto, a linguagem escrita é pensada e refletida, dando, assim, espaço para que seja mais cuidadosamente produzida. Uma situação onde é realmente possível assistir ao comportamento natural da língua é em discurso oral. Deste modo, os exemplos abaixo listados pretendem ilustrar a forma como o inglês está tão integrado na cultura portuguesa que começa a influenciar os falantes, ao ponto de usarem expressões idiomáticas inglesas traduzidas literalmente para português.

Os exemplos foram retirados de vários episódios de um *podcast*, com o título "Watch.tm", da autoria de Pedro Teixeira da Mota, um comediante português, que recebe convidados diferentes em cada episódio. Os primeiros exemplos são frases utilizadas no primeiro episódio cujo convidado era o cantor Richie Campbell, um artista português que canta exclusivamente em inglês, e que admite, neste mesmo episódio, não ter muito contacto com a cultura portuguesa.

A razão pela qual estes exemplos são de extrema relevância para este relatório passa por serem retirados de uma conversa real. É possível observar o discurso natural entre dois falantes

nativos de português. Os falantes conhecem-se e estão a produzir conteúdos para redes sociais, pelo que adotam um estilo mais informal e coloquial. Atente-se, agora, nos seguintes exemplos.

**Exemplo 1:** “Não é esse o ponto” (minuto 41:18)

Traduzida literalmente de “That’s not the point”, esta frase não faz sentido em português e alguém que não conhece a expressão em inglês, provavelmente, não perceberá a mensagem que está a tentar ser passada. Em português, existe uma expressão equivalente à do inglês – “Não é essa a questão” – que poderia ter sido utilizada.

**Exemplo 2:** “Eu também fui ver os recibos” (minuto 41:41); “O gajo está cheio de recibos” (41:45)

Este exemplo é resultante da tradução de uma expressão de calão em inglês – “the receipts” – que significa “‘proof’ or ‘evidence,’ ‘often used to call out someone for lying or to show someone is being genuine.’”<sup>5</sup>. Esta é uma expressão recente cujo significado possivelmente nem todos os falantes de inglês conseguiriam perceber, pelo que a sua tradução literal para português terá o mesmo efeito para falantes nativos. Esta expressão foi utilizada enquanto os falantes comentavam um vídeo polémico, em que uma figura pública tem um comportamento impróprio. É utilizada para se referirem a vídeos antigos que revelam que esta pessoa já teve comportamentos semelhantes no passado. Assim, e não existindo uma expressão equivalente em português, o falante poderia ter dito “Fui ver os vídeos”.

**Exemplo 3:** “Vou tirar uma página do teu livro” (minuto 50:25)

Em inglês, esta corresponde a uma expressão idiomática (*I took a page out of your book*), ao passo que, em português, é uma tradução literal que não partilha o mesmo significado. A mensagem que estava a tentar ser passada seria “Segui o teu exemplo”.

Ao utilizar as frases destes exemplos com um falante unilingue de português, que não está, portanto, familiarizado com expressões idiomáticas inglesas, a reação será de incompreensão e, até mesmo, confusão em relação à intenção comunicativa. Influenciados pela cultura americana, muitos jovens portugueses integram no seu vocabulário várias expressões em inglês. Os exemplos acima são recorrentes no diálogo de jovens portugueses, hoje em dia.

---

<sup>5</sup> Retirado de dictionary.com (<https://www.dictionary.com/e/slang/receipts/>) a 29 de junho de 2023

Havendo cada vez mais jovens a saber falar inglês – motivado pelo impacto de esta ser uma língua franca e de ser ensinada cada vez mais cedo nas escolas – as situações como as dos exemplos são mais frequentes.

Tendo em conta a teoria de Grosjean (1997), abordada no capítulo anterior, relativa ao *continuum* entre o modo de linguagem monolíngue e bilingue, é compreensível que este discurso aconteça quando os dois falantes são bilingues e se percebem um ao outro, não tendo assim tanto cuidado para evitar vocabulário ou estruturas inglesas. Para além disso, é comum o discurso dos jovens não seguir as normas da gramática, utilizando um registo menos elevado, mais informal e com menos controlo, optando agora por utilizar mais palavras em inglês. Na conversa apresentada surgem, no meio do discurso, vocábulos como *dms*, *hardcore*, “uploadado”, *tour*, *crazy*, etc. que exemplificam, com estrangeirismos e neologismos, como muitos jovens portugueses falam entre si, adotando um estilo informal e coloquial.

No que diz respeito à tradução, é necessário entender as consequências que a transferência pode ter nos tradutores. Como já foi explicado anteriormente, a transferência pode constituir um problema para a tradução (negativa), ao mesmo tempo que pode também constituir uma estratégia de tradução (positiva). Desta forma, os tradutores têm de se preocupar e ter cautela com a transferência negativa, ao mesmo tempo que é também necessário olhar para a complexidade da língua portuguesa que, só por si, requer que se atente em armadilhas da própria língua.

É de extrema importância começar já a pensar nas consequências que estas influências terão no futuro da língua portuguesa. Irão, sem dúvida alguma, motivar um enriquecimento da língua com novos termos estrangeiros a serem adotados ou a tornarem-se empréstimos. Por outro lado, levarão também ao desuso de certas palavras. Num primeiro momento, poderão causar a incompreensão por parte de alguns falantes da língua que não estejam tão à vontade com o inglês ou que não conheçam especificamente esses termos ou expressões. Poderão, ainda, provocar desvios da norma que, eventualmente, poderão vir a ser consagrados na gramática e, conseqüentemente, alterar a língua.

### 3.2. Tipos de Transferência

Ainda que Weinreich (1968) tenha usado o termo *interferência*, que, como referido anteriormente, difere um pouco do termo *transferência*, é importante recordar a classificação por ele feita. Aliás, como irá ser abordado nas secções seguintes, duas das categorias poderão ser muito úteis também no caso da transferência linguística. Segundo este autor, existem três tipos de interferência: fónica, gramatical e lexical. A primeira consiste na influência exercida pelo sistema fonético da língua materna de um falante bilingue, ao utilizar a sua segunda língua (Weinreich, 1968, p. 14). No entanto, não é de especial relevância para os estudos da tradução, uma vez que diz respeito exclusivamente ao discurso oral e não à linguagem em geral. Uma situação em que este tipo de transferência pode ser relevante seria na tradução de poesia e outros textos literários ou em nomes próprios (Newmark, 1981, p. 157). Para além disso, o facto de não ser também possível apresentar exemplos práticos do estágio curricular leva a que este tipo de transferência não seja estudado no presente relatório. De extrema importância são os outros dois tipos que serão agora abordados. A interferência gramatical diz respeito à transferência de elementos morfológicos e sintáticos de uma língua para outra. Já a interferência lexical considera todas as influências que possam existir a nível do vocabulário.

Considere-se, então, a possibilidade de categorização das transferências linguísticas em dois tipos relevantes no *corpus* de textos traduzidos durante o estágio curricular<sup>6</sup>: (i) a transferência gramatical e (ii) a lexical. Nos próximos subcapítulos, serão explicados e exemplificados vários casos de transferências que se podem abarcar nestas duas categorias. Existem excertos em que o texto está rasurado para cumprir com a confidencialidade do cliente, como foi pedido pela entidade de acolhimento.

#### 3.2.1. Gramatical

A transferência linguística pode dar-se ao nível da frase e dos seus elementos, falando-se, então, de *transferência gramatical*. São vários os aspetos que podem sofrer

---

<sup>6</sup> Os textos que serviram de exemplo para este capítulo foram traduzidos, durante o estágio, pela autora do relatório, sendo que as versões aqui apresentadas não correspondem à versão final entregue ao cliente. Alguns dos exemplos ilustram casos de transferência, enquanto outros apenas revelam casos de hipotética transferência.

influência do inglês. Alguns destes problemas serão abordados a seguir, sendo apresentados exemplos.

### 3.2.1.1. Pronomes

A primeira categoria é a dos pronomes. Em português, o pronome utilizado para a 2ª pessoa do singular, num estilo formal, seria ‘você’. No entanto, esta é, atualmente, uma palavra que não é muito bem recebida por algumas pessoas. O pronome ‘você’ "só é aceitável em certas regiões e em certas variedades diastráticas, sendo o seu uso na variedade padrão muito específico de certas relações absolutamente simétricas e amistosas e inaceitável na maior parte dos casos...", sendo mesmo considerado rude em algumas variedades (Duarte, 2011, p. 87).

Assim, em traduções do inglês, língua em que o pronome ‘you’ é utilizado frequentemente, tanto em tom formal como informal, a opção é utilizar o sujeito nulo, deixando que seja o verbo a expressar o sujeito.

<u>You</u> will be charged for malfunction or damage due to battery leakage, which is not covered by the warranty.	Será cobrado por uma avaria ou por qualquer dano causado pelo vazamento da bateria, visto que isso não está coberto pela garantia.
--	--

Exemplo 4: Projeto 8

Para evitar o uso do pronome “você”, o sujeito foi omitido e está implícito no verbo. No entanto, esta estrutura foi também afetada pela transferência da estrutura do inglês, já que, em português, o verbo cobrar é transitivo, pelo que uma melhor opção seria a frase “Ser-lhe-á cobrada a avaria ou qualquer dano causado pelo vazamento da bateria...”.

O pronome pode também, muitas vezes, ser substituído por um sintagma nominal.

<u>You</u> acknowledge that the [redacted] software is subject to export restrictions of various countries.	<u>O utilizador</u> reconhece que o <i>software</i> [redacted] está sujeito a restrições de exportação de vários países.
---	--

Exemplo 5: Projeto 10

Neste exemplo, e em todo o restante texto, o sujeito ‘you’ foi traduzido como ‘o utilizador’ para evitar ambiguidades.

Segundo Colaço e Gonçalves (2019), um dos aspetos que constitui a interferência sintática é o uso excessivo de pronomes possessivos. Na língua inglesa os pronomes possessivos são frequentemente utilizados, sendo mesmo obrigatórios em várias estruturas. Já na língua portuguesa, são muito menos aplicados, visto que se trata de uma língua de posse inalienável, isto é, a língua permite que se dispense o pronome possessivo porque a ação do verbo remete, obrigatoriamente, para o sujeito. Esta propriedade permite que o texto se torne mais fácil de ler. De facto, em português, a utilização de pronomes possessivos em excesso pode tornar a frase confusa e ambígua. No entanto, e por via da transferência linguística, é muito provável que este tipo de pronomes seja mais utilizado no português, por influência do texto original em inglês, tornando, por vezes, o texto redundante.

For <u>your</u> safety, cancel Auto Hold when <u>you</u> drive downhill, back up the vehicle or park the vehicle.	Para <u>sua</u> segurança, cancele a função Auto Hold (Bloqueio automático) quando conduzir numa descida, fizer marcha-atrás ou estacionar o <u>seu</u> veículo.
---	--

Exemplo 6: Projeto 2

Pode, então, retirar-se deste exemplo que existem situações em que os pronomes são obrigatórios (sua segurança), podem ser omitidos (quando conduzir) – neste caso, trata-se de um pronome pessoal, em posição de sujeito e que, portanto, pode ficar subentendido – e acrescentados para clarificar a mensagem (o seu veículo).

ALWAYS wear <u>your</u> seat belt.	Use SEMPRE o cinto de segurança.
------------------------------------	----------------------------------

Exemplo 7: Projeto 2

Turn on <u>your</u> headlamps to make it easier for others to see you.	Ligue os faróis para que os outros o possam ver mais facilmente.
--	--

Exemplo 8: Projeto 2

Já nos exemplos 7 e 8, pode observar-se que se optou por omitir os pronomes possessivos para evitar a redundância. Sendo o português uma língua em que existe a noção de *posse inalienável*, torna-se bastante óbvio que é para usar o cinto de segurança do condutor, até porque não é

possível utilizar outro, e é também bastante claro que os faróis que deve ligar são os do seu próprio carro.

A utilização destes pronomes não torna um texto agramatical, confuso ou ilegível. No entanto, o seu uso em demasia pode deixá-lo mais artificial e não tão natural para um falante nativo do português.

### 3.2.1.2. Estrutura da frase

De seguida, a estrutura da frase é um dos aspetos que mais está a ser afetado pela influência do inglês. A língua portuguesa segue uma estrutura de frase de *ordem direta*, ou seja, a maioria das frases é formada por uma das seguintes sequências (Cunha e Cintra, 2017, p. 176):

sujeito + verbo + objeto direto + objeto indireto

OU

sujeito + verbo + predicativo

No entanto, há situações em que a escolha da ordem dos elementos da frase é motivada pela ordem das orações subordinadas. Por vezes, e dependendo das intenções comunicativas, é necessário colocar o foco na oração subordinante, outras vezes na oração subordinada. Assim, é necessário que seja feita uma gestão da informação para que se destaque a mais relevante. Como não há uma obrigatoriedade por uma das ordens, o contexto ajuda-nos a escolher a melhor ordem para as duas orações.

No exemplo 9, o inglês coloca o foco na oração subordinada, enquanto no português optou-se por alterar a ordem, colocando a oração subordinante em primeiro.

To investigate if the gasket design impacted the dead space, <u>two pictures were taken.</u>	Foram tiradas duas fotografias para saber se o <i>design</i> do <i>stopper</i> afetava o espaço morto.
--	--

Exemplo 9: Projeto 6

A solução escolhida consiste na troca da ordem da frase para a adaptar às regras da LC, mas também para facilitar a compreensão do texto pelo leitor. Já que, nesta frase, o agente da passiva é secundário e, por isso, não é revelado, uma possibilidade mais adequada seria usar o pronome apassivante *-se* em vez do verbo auxiliar da voz passiva (*ser*): “Tiraram-se duas fotografias para saber se o *design* do *stopper* afetava o espaço morto”.

Access to and use of password protected and/or secure areas of any of the Site, if any, are restricted to authorized users only.	O acesso e uso de áreas protegidas por senha e/ou áreas seguras de qualquer um dos <i>sites</i> , se existirem, são restringidos apenas a utilizadores autorizados.
--	---

Exemplo 10: Projeto 14

No caso do exemplo 10, a transferência da estrutura do inglês não impede a inteligibilidade da frase, mas torna-a um pouco estranha para um falante nativo do português. Uma melhor solução, que talvez soe mais natural, seria: “Caso existam áreas protegidas por senha e/ou áreas seguras de qualquer um dos *sites*, o acesso e uso das mesmas são restringidos apenas a utilizadores autorizados.”

No entanto, nesta opção é dado muito foco à tradução da oração *if any* que, ainda que seja uma oração subordinada, é muito secundária na LP. Por este motivo, uma melhor solução seria secundarizar a oração condicional também na LC, ao não colocá-la no início da frase, por exemplo: “Apenas utilizadores autorizados podem utilizar e aceder a áreas protegidas por senha e/ou a áreas seguras, se existirem, de qualquer um dos *sites*.”

Sendo o inglês uma língua que não permite a omissão do sujeito, é muito comum utilizar a passiva para retirar o foco do sujeito. No português, ainda que se utilize a passiva, não é tão comum quanto no inglês. Uma estrutura passiva é completamente aceitável no português. Ainda assim, existem algumas frases que podem não soar tão naturais a falantes nativos por serem transferências do inglês.

### 3.2.1.3. Ordem dos adjetivos

O próximo aspeto a ser abordado é a ordem dos adjetivos. Ainda que ambas as estruturas *substantivo + adjetivo* e *adjetivo + substantivo* estejam corretas em português – ao contrário do inglês –, pode tornar-se difícil, durante o processo de tradução, perceber qual das formas se torna mais natural ao falante comum e ao público-alvo.

Key Features	Funcionalidades principais
--------------	----------------------------

Exemplo 11: Projeto 1

Neste caso, tanto se poderia dizer “Funcionalidades principais” como “Principais funcionalidades” e ambas estariam corretas e, provavelmente, seriam consideradas equivalentes.

Outra questão reside no facto de o inglês ser uma língua que aceita sintagmas com vários adjetivos. Diversamente, na língua portuguesa estas estruturas não são tão naturais.

The company excels with <u>committed Dutch-speaking staff</u> and a strong emphasis on ICT and automation.	A empresa destaca-se pelos seus <u>colaboradores, empenhados e falantes de neerlandês</u> , e pela forte ênfase dada às TICs e à automatização.
--	---

Exemplo 12: Projeto 3

Para tornar a frase mais natural ao falante português, podia optar-se pela nominalização e, assim, a frase ficaria: “A empresa destaca-se pelo empenho dos seus colaboradores, falantes de neerlandês, ...”. No entanto, esta versão pode alterar, ligeiramente, o sentido da frase, uma vez que coloca a informação “falantes de neerlandês” como secundária, enquanto no inglês a informação está toda ao mesmo nível.

A ordem dos adjetivos, como mencionado anteriormente, não é um dos aspetos que mais se afasta da gramática portuguesa, uma vez que o português aceita várias estruturas adjetivais. Ainda assim, é importante perceber se a escolha feita pelo tradutor foi pelo seu conhecimento na língua portuguesa ou se foi influenciado pela língua inglesa – como no exemplo 11.

## 3.2.1.4. Regências

As regências parecem surgir naturalmente para falantes nativos. É por isso que Newmark (1981, p. 180) defende que o tradutor deve apenas traduzir para a sua língua materna, uma vez que a regência é um dos erros mais claros de alguém não nativo. No entanto, quando se traduz um texto do inglês, pode existir alguma confusão em relação à preposição utilizada com um determinado verbo, nome ou adjetivo.

At [redacted] we're excited and passionate <u>about</u> taking on the changing environment ...	Na [redacted] estamos entusiasmados e dedicados <u>em</u> assumir a mudança do ambiente ...
--	---

Exemplo 13: Projeto 16

No exemplo acima, o problema que se impõe é que preposição utilizar com dois adjetivos. O adjetivo *entusiasmados* rege-se pela preposição “com” e “por”, enquanto *dedicados* pela preposição “em” (se se seguir um verbo) e “a” (se se seguir um nome). Assim, a preposição a utilizar é a do segundo adjetivo.

If you are a European Union resident, you have the right to lodge a complaint with a supervisory authority of the European Member state in which you reside.	Se é residente <u>na</u> União Europeia, tem o direito de apresentar uma queixa a uma autoridade de supervisão do Estado Membro Europeu em que reside.
If you are a resident of the United Kingdom, you can submit a complaint to the Information Commissioner Office.	Se é <u>um</u> residente <u>do</u> Reino Unido, pode apresentar uma queixa ao Gabinete do Comissário de Informação.

Exemplo 14: Projeto 14

Neste caso, as preposições utilizadas não constituem uma agramaticalidade. É possível utilizar a preposição “de”, assim como “em”. O que gerou confusão foi o erro de tradução de não utilizar o artigo. Esta omissão do artigo não é considerada um erro de gramática, visto que neste caso não é obrigatório. Com o artigo indefinido, *residente* é um nome, pelo que a preposição a utilizar é “de”, como no segundo segmento. Como no primeiro segmento não foi traduzido o artigo, *residente* é um adjetivo e a preposição correta seria “em”.

Outra opção para evitar a transferência linguística, seria traduzir o adjetivo por um verbo, isto é, “Se residir na União Europeia...” e “Se residir no Reino Unido...”. Desta forma, também este é um exemplo de transferência da estrutura da frase. Esta solução de tradução resolveria o problema da regência e tornaria a leitura mais agradável para os falantes nativos.

### 3.2.1.5. Artigos

Por último, ao falar de transferência gramatical é necessário abordar ainda os artigos. De acordo com Miguel e Raposo (2013, pp. 819-858), os determinantes artigos definidos e indefinidos transmitem o traço [ $\pm$  específico] das entidades/ nomes a que se aplicam e que determinam. Geralmente, os artigos definidos são utilizados para especificar, pelo que a sua omissão permite a generalização. Os artigos indefinidos servem, por vezes, para introduzir entidades novas no universo do discurso (Miguel e Raposo, 2013, p. 846) que, após o primeiro uso no texto, podem ser substituídos por definidos, por exemplo, como na frase “O Pedro comprou **um** relógio e hoje andava a mostrar **o** relógio a toda a gente”. (p. 846)

No português, existem certos contextos onde se pode omitir o artigo, por exemplo:

- (i) grupos nominais que se refiram a cargos, profissões, funções, na função de predicativo do sujeito podem surgir como sintagmas nominais reduzidos

ex.º a) O João é professor catedrático. (Miguel e Raposo, 2013, p. 840)

- (ii) a ausência do artigo num grupo nominal pode permitir veicular um valor genérico

ex.º b) Normalmente, ele vai *de* autocarro para o trabalho.

- (iii) alguns usos de sintagmas nominais reduzidos no plural (para nomes contáveis, como no exemplo c)) ou no singular (para nomes massivos, como na alínea d)) apontam exclusivamente para um valor [-específico] e contrastam com um valor [+específico] que será conseguido com o uso do artigo.

ex.º c) Hoje comi morangos ao almoço.

d) Hoje bebi vinho ao jantar. (Miguel e Raposo, 2013, p. 857)

Portanto, o falante escolhe utilizar ou não o artigo indefinido com base nas suas intenções comunicativas. Ainda que no português não sejam sempre obrigatórios, no inglês não é muito frequente usar artigos. Assim, o tradutor pode, por vezes, ser influenciado a omitir o artigo no português.

Good collaboration is about engaging and involving your people, and creating a winning team.	<u>Uma</u> boa colaboração consiste em interagir e incluir os seus colegas e criar uma equipa vencedora.
--	--

Exemplo 15: Projeto 12

Este exemplo ilustra a obrigatoriedade da utilização do artigo. O autor não está a falar de qualquer colaboração, está a falar de uma que seja boa. O adjetivo especifica o substantivo, pelo que é necessário que exista um artigo. Sem o artigo indefinido “uma”, a frase iria soar estranha e não ia parecer ser natural.

Há, no entanto, casos em que o artigo não é obrigatório, como os seguintes:

Retailers who cannot offer a level of service whereby a customer can buy from any channel, return to any channel and have the same availability and pricing advantages online as in a physical store will struggle to perform.	∅ Vendedores que não consigam oferecer um nível de serviço em que um cliente possa comprar em qualquer canal, fazer devoluções em qualquer canal e tenha <i>online</i> a mesma disponibilidade e vantagens de preço como numa loja física, irão ter dificuldades no seu desempenho.
--	---

Exemplo 16: Projeto 4

No exemplo acima, seria possível usar ou omitir o artigo. É possível especificar, dizendo que todos os vendedores que não conseguirem oferecer um determinado nível de serviço terão dificuldades no seu desempenho. Ao mesmo tempo, é também possível generalizar, ao não utilizar artigo.

Cookies are text files which are stored on your computer.	Os <i>cookies</i> são ficheiros de texto que são armazenados no seu computador.
---	---

### Exemplo 17: Projeto 14

Nesta frase, tanto é possível utilizar o artigo como omiti-lo, uma vez que está a ser feita uma generalização. Ainda assim, a frase talvez soe mais natural para um falante nativo se tiver o artigo.

#### 3.2.2. Lexical

Pode também acontecer transferência ao nível do vocabulário, sendo esta, maioritariamente, uma transferência positiva, por exemplo, através de estrangeirismos, empréstimos, decalques e neologismos. Ainda assim, podem existir casos onde exista transferência negativa, por exemplo, com falsos cognatos.

Há quem considere toda a transferência lexical como algo negativo. Vários conservadores da língua tentam protegê-la, ao rejeitar a adoção de estrangeirismos, vendo nisso uma corrupção da língua portuguesa. Acreditam que a língua é suficiente, porque tem vocabulário equivalente e não necessita que se importem palavras. O papel dos tradutores é garantir a conservação da língua portuguesa, ao escreverem os seus textos seguindo as regras da gramática. Todavia, a inserção de palavras estrangeiras no léxico de uma língua não a corrompe, tornando-a apenas mais diversa e complexa. Há que reconhecer o enriquecimento linguístico e cultural que acompanha o contacto entre línguas.

No entanto, a transferência de vocabulário não deve ser encarada como algo negativo. Os falantes de português utilizam, no seu dia-a-dia, várias palavras e nunca param para pensar na sua origem. Com o tempo, estrangeirismos e empréstimos ficam tão consolidados na língua portuguesa que já não causam estranheza. Esses empréstimos e estrangeirismos, que já estão aceites na língua, são utilizados todos os dias, sem que os falantes pensem sequer na origem das palavras que estão a utilizar. Por exemplo, a palavra *telefone* veio do inglês e é, agora, utilizada todos os dias por falantes do português sem sequer ser posta em causa. A palavra surgiu no português porque, sendo uma nova invenção, não existia um termo equivalente, pelo que foi adaptada do inglês. Por outro lado, o termo *tupperware* é utilizado também frequentemente por falantes portugueses e é um estrangeirismo. Neste caso, o termo é utilizado

na língua portuguesa, com a forma idêntica à da palavra em inglês, porque os falantes utilizam o nome da marca para definir o produto. Isto é algo que acontece com alguma regularidade no português: o termo *rímel* veio da marca francesa *Rimmel* e substituiu o termo *máscara de pestanas*; o conceito *jipe* define um veículo todo-o-terreno, mas foi preferido o nome da marca *Jeep*; ou *vespa*, a mota italiana da marca homónima (Figueira, 2021).

Ainda que muitos possam considerar a transferência lexical como algo genericamente negativo, é uma estratégia de tradução que permite que os falantes tenham novas formas para comunicar as suas mensagens. O que pode ser realmente negativo são os falsos cognatos.

### 3.2.2.1. Falsos Cognatos

Falsos cognatos (ou *false friends*, como são comumente conhecidos) são pares de palavras semelhantes em grafia, de línguas diferentes que têm significados diferentes. Mona Baker (2018, p. 24) define o conceito como “words or expressions which have the same form in two or more languages but convey different meanings”.

Como foi mencionado anteriormente, há estrangeirismos que são adotados na nossa língua, mas que sofrem um processo de ressignificação. Desta forma, alguns destes termos podem vir a tornar-se falsos cognatos.

Deceptive cognates exist in all European vernaculars as a result of borrowing from a common source, Latin. When languages come into contact, as happens in second language acquisition, these deceptive cognates constitute a source of lexical interference at all levels of dominion of the language (O'Neill e Casanovas, 1997, p. 103)

Ainda que os falsos cognatos possam ser considerados uma problemática nos Estudos de Tradução, para a Sociolinguística é uma consequência natural do contacto entre línguas. Quando falantes de línguas semelhantes estão em contacto, a probabilidade de utilizarem falsos cognatos é maior. Um exemplo muito comum entre o português e o castelhano são os termos “embaraçada” e “*embarazada*” (grávida).

Os exemplos seguintes mostram termos em inglês muito semelhantes a termos existentes no português, mas que não têm o mesmo significado. No entanto, prestando atenção a estes termos, a tradutora conseguiu evitar cometer o erro de fazer uma tradução errônea.

This encompasses sales floor inventory management, replenishment, stock taking or cycle counting, and <u>eventual</u> departure, either when purchased or transferred to another store.	Isto engloba gestão de inventário chão de fábrica, reabastecimento, inventário, contagem de ciclos, e <u>futura</u> saída, ou aquando da compra ou aquando da transferência para outra loja.
---	--

Exemplo 18: Projeto 4

O exemplo de *eventual* é dos erros mais cometidos, uma vez que em ambas as línguas existe uma palavra com forma idêntica. Além de que, o seu significado é muito semelhante e, por isso, o tradutor pode ser influenciado pelo inglês e optar por uma tradução direta que, neste caso, estaria errada. Ao consultar o dicionário, percebe-se que *eventual* em inglês significa “*taking place at an unspecified later time: ultimately resulting*”<sup>7</sup>, enquanto *eventual* em português define-se como “dependente de acontecimento incerto; possível mas incerto”<sup>8</sup>.

How can I jump in and <u>support</u> my team where and when needed?	Como posso intervir e <u>apoiar</u> a minha equipa quando e onde for preciso?
---	---

Exemplo 19: Projeto 12

Mais uma vez, o exemplo *support* podia ter sido, erradamente, traduzido por *suportar*, devido à semelhança da grafia. Desta forma, *support* pode definir-se como “to promote the interests or cause of”<sup>9</sup>, enquanto *suportar* como “ter sobre si”<sup>10</sup>.

A diferença de significados dos conceitos pode, por vezes, parecer pequena, mas é importante que um tradutor os saiba distinguir e os utilize corretamente.

<sup>7</sup> Retirado do dicionário Merriam-Webster (<https://www.merriam-webster.com/dictionary/eventual>) a 19 de junho de 2023

<sup>8</sup> Retirado do dicionário Priberam (<https://dicionario.priberam.org/eventual>) a 19 de junho de 2023

<sup>9</sup> Retirado do dicionário Merriam-Webster (<https://www.merriam-webster.com/dictionary/support>) a 19 de junho de 2023

<sup>10</sup> Retirado do dicionário Priberam (<https://dicionario.priberam.org/suportar>) a 19 de junho de 2023

### 3.2.2.2. Empréstimos e estrangeirismos

Existem autores que consideram que *empréstimo* e *estrangeirismo* são o mesmo conceito. No presente trabalho, será feita uma distinção. *Empréstimos* são termos que tiveram origem na língua A, mas transitaram para a língua B, sofrendo alterações ortográficas e fonéticas para se inserir nas regras dessa mesma língua. Bastante semelhante é o conceito de *estrangeirismo* que apenas difere porque diz respeito a palavras que não foram submetidas a alterações para se adaptarem à gramática da LC. Isto é, *estrangeirismos* são “todas as palavras estrangeiras que não estão integradas no léxico português” (Freitas, Ramilo e Soalheiro, 2003, sec. 1).

Como já foi referido, as línguas influenciam-se mutuamente e esse é um processo inevitável. “Os empréstimos são o reflexo desse fenómeno” (Jesus, 2012, p.114). Por vezes, é necessário optar por empréstimos e estrangeirismos para fazer uma tradução. Existem elementos culturais, novas invenções ou, até mesmo, termos especializados que obrigam a que haja a transferência de certas palavras que podem não existir na LC. Segundo Paiva Boléo (citado em Gouveia, 2003, p. 411), as causas que podem levar à importação de palavras são as seguintes:

- A necessidade de denominar um objeto novo (exemplo, *jeep*)
- O intuito de dar mais rigor ao sentido ou maior concisão (exemplo, *pijama* em vez de *fato de dormir*)
- A hipótese de funcionar como eufemismo (exemplo, *gaffe* em vez de *deslize na vida social*)

Nas três situações acima, a inserção de uma nova palavra na língua portuguesa ocorreu por não existir uma que transmitisse o mesmo significado, quer seja por ser uma invenção, um conceito muito específico ou só para utilizar uma palavra em vez de uma expressão.

## Empréstimos

Um empréstimo é uma palavra de origem estrangeira que se naturaliza na gramática da LC, pelo que a origem da palavra não é imediatamente perceptível para o leitor. Os empréstimos, juntamente com os decalques, como será explicado a seguir, são a forma de transferência lexical que menos estranheza causa a um falante nativo, visto que a palavra é adaptada à sua norma.

Why should <u>omni-channel</u> retailers be investing in real-time visibility solutions?	Porque devem os vendedores <u>omnicanal</u> investir em soluções de visibilidade em tempo real?
--	---

Exemplo 20: Projeto 4

No exemplo 20, o termo *omnicanal* sofreu algumas alterações, mas mantém o mesmo prefixo, de origem latina.

Interface	Interface
-----------	-----------

Exemplo 21: Projeto 1

Neste caso, o termo *interface* manteve a grafia sendo a única alteração ao nível da fonética.

Os empréstimos são bastante úteis na língua portuguesa, uma vez que permitem referir novos conceitos, surgindo, porém, completamente adaptados às normas. Deste modo, existe a aquisição de novas palavras que não são estranhas ao falante.

## Estrangeirismos

Muitos consideram os estrangeirismos como uma corrupção da língua. Quem acredita no purismo da língua defende também que sejam tomadas medidas oficiais para parar a adoção de termos estrangeiros no vocabulário português (Teixeira, 2015, p. 250). Esta é uma perspetiva algo elitista e desprovida de sentido, uma vez que todas as línguas sofreram (e sofrem constantemente) mudanças. O português evoluiu do latim, mas teve influências de línguas como o castelhano, o árabe, o francês, o inglês, ao longo da sua História, devido a alianças, guerras, invasões, etc. Os termos provindos de outras línguas apenas comprovam o contacto entre povos ao longo dos tempos. Com efeito, “o léxico vai-se “adaptando” às necessidades, às modas, às influências de outras línguas, enfim, à evolução dos tempos” (Teixeira, 2015, p. 265). É apenas natural que uma língua sofra alterações ao longo dos tempos e que adquira novo vocabulário.

As áreas automóvel e informática são das que mais utilizam estrangeirismos e empréstimos. São áreas que estão em constante evolução e desenvolvimento, pelo que são criadas novas palavras frequentemente. A seguir são apresentados alguns exemplos.

Head-up display information	Informações do Head-up Display
Turn by Turn (TBT) navigation information	Informações de navegação Turn by Turn (TBT)

Exemplo 22: Projeto 2

Estes são termos que não têm tradução e são, tipicamente, utilizados em inglês.

Como já foi referido, muitos dos trabalhos de estágio eram revisões de tradução automática. Assim, podem existir algumas inconsistências de vocabulário.

You will need to manage these preferences on all of the browsers and devices you use to access our Site.	Terá de gerir estas preferências em todos os <i>browsers</i> e dispositivos que utiliza para aceder ao nosso Site.
If you clear cookies on your browser, you will need to reset your managed preferences.	Se apagar <i>cookies</i> no seu <u>navegador</u> , terá de redefinir as suas preferências geridas.

Exemplo 23: Projeto 14

Este é um texto da área da informática, tendo, por isso, um longo vocabulário que ou está em inglês ou que provém do inglês. Nestas duas frases do exemplo 23 existem 3 termos – *browsers*, *site* e *cookies* – que constituem estrangeirismos.

Por lapso, cometeu-se a incongruência de se utilizar dois termos diferentes, com o mesmo significado, um em inglês e o outro traduzido para português. Um leitor que perceba de informática consegue perceber que se trata do mesmo conceito, mas um leitor leigo que não tenha muito conhecimento da área poderá ficar confuso.

Outro problema com estrangeirismos vindos do inglês é a flexibilidade que estas palavras têm na LP e a forma como essa flexibilidade não é possível de transferir para o português. Isto é, se o estrangeirismo for um nome, é muito difícil utilizar a mesma palavra como verbo em português, como é ilustrado no exemplo abaixo.

Mobile scanner	<i>Scanner</i> portátil
Scanning speed:	Velocidade de digitalização:

Exemplo 24: Projeto 1

O termo *scanner* já é utilizado em português. E, ainda que, o termo *scanear* – tradução de *scanning* – exista na variedade europeia do português, com a definição “Percorrer com um scanner ou com aparelho semelhante.”<sup>11</sup>, muito poucos falantes nativos utilizam, ou sequer reconhecem, esta palavra. É preferido o equivalente *digitalizar*. Desta forma, talvez fosse mais prático nesta tradução, optar por traduzir *scanner* para *digitalizador* e não incluir o estrangeirismo, para garantir que o texto estaria coeso e coerente.

Existem, porém, termos cuja tradução não é muitas vezes utilizada ou é mesmo inexistente, como nos exemplos que se seguem.

<u>Outsourcing</u> with xxxxxxxxxxxxxx Managed Services	<u>Outsourcing</u> com a Gestão de serviços xxxxxxxxxxxxxx
“It is great to continue to contribute with xxxxxxxxxxxxxx after the earlier successful delivery of our xxxxxxxx <u>crossdocking</u> application for the warehouse”	“É ótimo continuar a colaborar com a xxxxxxxxxxxxxx depois de uma entrega bem-sucedida da nossa aplicação de <u>crossdocking</u> xxxxxxxx para o armazém”

Exemplo 25: Projeto 3

Poderia utilizar-se a tradução “Terceirização” ou “Externalização” para *Outsourcing*, no entanto, é mais comum encontrar o termo em inglês em textos portugueses. Já o termo *crossdocking* não tem mesmo tradução, sendo sempre utilizado em inglês.

<sup>11</sup> Retirado do Dicionário Priberam (<https://dicionario.priberam.org/scanear>) a 9 de agosto de 2023

### 3.2.2.2.1. Atribuição de género a estrangeirismos e empréstimos

Ao falar da adaptação de palavras estrangeiras para uma nova língua é interessante entender como é feita a atribuição do género a esses termos.

A atribuição de género cria associações mentais entre o objeto e o seu género. Línguas que exprimem o género têm uma visão do mundo diferente entre si e das línguas que não exprimem o género. Isto vai ainda influenciar a sua cultura. Há línguas, como o castelhano e o português, que são muito semelhantes em termos linguísticos e, mesmo assim, têm palavras com a mesma grafia e significado que não partilham do mesmo género, por exemplo, *la nariz* e *o nariz*.

Weinreich (1968, p. 45) afirma que “Some nouns seem to bequeath their gender to the loanwords by which they are replaced”. Mas isto apenas pode ser aplicado a línguas que expressem o género. Gouveia (2003) apresenta uma lista mais completa com várias formas de como pode ser atribuído o género de uma palavra estrangeira em português:

1. mantém o género da língua de origem, geralmente se se trata de uma língua românica (*a pizza*, *o menu*);
2. segue o género natural, se o referente é animado (*barman*);
3. adota o género sugerido pela terminação da língua de origem (*a maionese*; *o biberão*);
4. engloba-os no género mais comum na língua (sobretudo com anglicismos porque o inglês não o faz, nos casos de substantivos ou adjetivos, distinção de género - *o slogan*, *o bar*);
5. noutros casos, a palavra adota o género que a sua tradução tem na língua de adoção (*a t-shirt* [camisa], *o aftershave* [bálsamo]).

(Gouveia, 2003, pp. 413-414)

É importante mencionar que, no ponto 3, a terminação do estrangeirismo depende também das associações mais frequentes entre género e sufixos na LC. A atribuição de género pode, então, ser feita através de vários fatores, dependendo da LP ou das regras da LC.

Alguns estrangeirismos, mais especificamente, os anglicismos, não têm o género expresso na sua morfologia, pelo que são os determinantes que determinam o género da palavra. Desta forma, pode surgir, durante uma tradução, um anglicismo cujo género o tradutor não saiba identificar de imediato. Como sucedeu com o exemplo seguinte.

Cookies are text files which are stored on your computer.	Os <i>cookies</i> são ficheiros de texto que são armazenados no seu computador.
---	---

Exemplo 26: Projeto 14

O termo *cookies* é uma palavra masculina no português. No entanto, sendo um estrangeirismo é natural não se ter a certeza do género da palavra. E, até por influência da possível tradução de *cookies* para ‘bolachas’, o género pode ser, incorretamente, identificado como feminino.

Por vezes, existem palavras que podem ter ambos os géneros, dependendo do contexto em que estão a ser utilizadas. Como não apareceram situações desta natureza no estágio, identifica-se um exemplo recente que esteve presente todos os dias nas televisões portuguesas e que diz respeito ao género da palavra “Covid”. Esta palavra é de género feminino, uma vez que se refere à doença. No entanto, há falantes portugueses que optam, muitas vezes, por dizer “o Covid”, no género masculino, fazendo referência ao *coronavírus*. Outro exemplo que já faz parte do quotidiano de quase toda a gente é a palavra “Google”, que é utilizada no masculino para se referir ao *motor de busca* e no feminino para se referir à *empresa* ou à *marca*. Em ambos os exemplos o género da palavra é o mesmo que o hiperónimo que a substitui.

Estrangeirismos e empréstimos podem ser considerados uma estratégia de tradução de transferência de palavras, que enriquece a LC com um pouco da cultura e da perspetiva do mundo dos falantes da LP.

### 3.2.2.3. Decalque

Segundo Vinay e Darbelnet (2000, p. 85), *decalque* “is a special kind of borrowing whereby a language borrows an expression from another, but then translates literally each of its elements”. À semelhança dos empréstimos, decalques são traduções de palavras ou

expressões, pelo que têm grafia e fonética do português, não causando, assim, estranheza ao falante.

Why should <u>omni-channel</u> retailers be investing in real-time visibility solutions?	Porque devem os vendedores <u>omnicanal</u> investir em soluções de visibilidade em tempo real?
--	---

Exemplo 27: Projeto 4

Este exemplo já foi apresentado na secção anterior para ilustrar um empréstimo. Neste caso, “omnicanal” é um decalque porque a sua tradução mantém-se muito perto da estrutura original.

#### 3.2.2.4. Neologismos

Newmark (1988, p. 140) define *neologismos* como “newly coined lexical units or existing lexical units that acquire a new sense.” Sendo assim, neologismos têm um estatuto temporário, podendo ser aceites pela gramática e, conseqüentemente, tornarem-se palavras integrantes do dicionário português, ou não serem aceites, acabando por cair no desuso. “Todos os produtos de cruzamento lexical começam por ser neologismos, sendo que alguns permanecem na língua e outros, sendo esporádicos, não são de uso comum” (Rio-Torto, 2014, p.13). No entanto, nem todos os neologismos são o resultado de cruzamento lexical. Por exemplo, podem ser criados a partir de estrangeirismos. O verbo *clicar* foi criado a partir do estrangeirismo *click* com o sufixo -ar, o mais produtivo na formação de verbos em português.

The <u>infotainment</u> system may change after software updates.	O sistema de <u>infoentretenimento</u> pode sofrer alterações após atualizações do <i>software</i> .
---	--

Exemplo 28: Projeto 2

O cruzamento de *informação* e *entretenimento* deu origem ao termo *infoentretenimento*. Este é um termo ainda pouco utilizado em português, mas é facilmente entendido por um falante nativo.

Product information of <u>ecodesign</u> requirements.	Informação sobre os requisitos de <u>ecodesign</u> do produto.
---	--

Exemplo 29: Projeto 11

Podendo ter-se optado por “design ecológico” ou até mesmo “design sustentável” – sendo que o termo *design* já é só por si um estrangeirismo –, *ecodesign* já é um conceito muito utilizado por marcas portuguesas e é, também, uma vocábulo simples de perceber por falantes nativos.

Ainda que a língua portuguesa seja extremamente completa, a importação de novo vocabulário é essencial. Todos os dias surgem invenções e descobertas que obrigam à criação de novas palavras.

### 3.2.3. Outros exemplos

Neste capítulo, serão apresentados mais alguns exemplos que são considerados relevantes para este estudo, mas que não se inserem em nenhuma das categorias de transferência defendidas por Weinreich.

A primeira é uma questão de **pragmática**. A utilização de “por favor” em português é bastante comum em discurso oral. No entanto, em texto técnico escrito é muito menos frequente, sendo até mesmo muito rara. Já no inglês existe muito a tendência para utilizar *please*. Isto acontece, especialmente, em manuais de utilizador, ou seja, textos técnicos que têm como objetivo dar instruções e ensinar um determinado processo.

For safe and convenient use, <u>please</u> read this owner’s manual carefully before starting to use the product.	Para uma utilização segura e conveniente, leia atentamente este manual do utilizador antes de começar a utilizar o produto.
---	---

Exemplo 30: Projeto 18

Na língua portuguesa, é frequente utilizar uma linguagem mais direta, especialmente em textos escritos, evitando, então, a expressão “por favor”. Usa-se apenas o imperativo formal, sem expressões de delicadeza.

Outro aspeto que pode sofrer influência do inglês é a **pontuação**. Duas línguas implicam sistemas diferentes e, logo, regras diferentes. Um dos erros mais comuns na tradução do inglês para o português é colocar uma vírgula antes de uma oração copulativa.

Please read carefully through these instructions that contain important information which complies with the “Machinery Directive” (Directive 2006/42/EC), <u>and</u> understand them.	Leia cuidadosamente estas instruções que contêm informações importantes em conformidade com a ‘Diretiva das Máquinas’ (Diretiva 2006/42/CE), <u>e</u> certifique-se de que as compreende.
---	---

Exemplo 31: Projeto 11

Para a frase cumprir com as regras do português, ou não podia ser utilizada a vírgula “... a ‘Diretiva das Máquinas’ (Diretiva 2006/42/CE) e certifique-se de que as compreende” ou serem utilizadas duas vírgulas “... importantes, em conformidade com a ‘Diretiva das Máquinas’ (Diretiva 2006/42/CE), e...”.

You can request access <u>to, and</u> rectification or erasure of, personal information;	Pode solicitar o acesso <u>a, e</u> a retificação ou a eliminação de informações pessoais;
--	--

Exemplo 32: Projeto 14

Como já foi referido, a vírgula antes de uma oração copulativa não é muito usual no português. No entanto, se tivesse sido feita a tradução com ambas as vírgulas, como no inglês, não existiria qualquer problema. Uma solução que poderia melhorar a tradução seria retirar a vírgula ou acrescentar outra depois de ‘eliminação de’, lendo-se assim, “Pode solicitar o acesso a, e a retificação ou eliminação de, informações pessoais”. Para além desta, outra opção seria: “Pode pedir o acesso a informações pessoais, assim como a retificação ou eliminação das mesmas”, visto que, na LP, entre vírgulas, está informação adicional.

Por último, a questão das **maiúsculas**. Antes do novo acordo ortográfico as regras acerca das maiúsculas e minúsculas eram semelhantes às do inglês.

In several European countries, heat pumps are already installed in more than 50% of new buildings.	Em vários países Europeus, as bombas de calor já estão instaladas em mais de 50% dos novos edifícios.
--	---

Exemplo 33: Projeto 16

Neste caso, a tradutora sucumbiu à interferência do inglês e utilizou a maiúscula quando em português deveria ser “Em vários países europeus, (...)”.

English – Dutch – Italian – French	inglês – holandês – italiano – francês
------------------------------------	--

Exemplo 34: Projeto 16

Em português, também os idiomas devem estar em minúscula, ao contrário do inglês.

#### 3.2.4. Conclusões

A transferência linguística, frequentemente, pode ser um problema. Especialmente, se, e seguindo a tipologia de Odlin (1989), se falar de transferência negativa. Esta é o resultado de um conjunto de fatores, nomeadamente a interferência de um segundo sistema linguístico, de falta de atenção e de padrões de más traduções. No entanto, os erros cometidos por via de transferência linguística são erros naturais, cometidos por tradutores humanos – e, por vezes, até por tradução automática. Entender como a transferência linguística ocorre é crucial para promover um crescimento de proficiência linguística eficaz. É também importante identificar estes problemas para que se lhes possa prestar atenção, de forma a tentar reconhecer como os evitar, ambicionando, sempre, produzir uma tradução precisa, eficiente e natural.

Nestes exemplos, a transferência linguística surgiu como um problema algumas vezes, mas também foi evitada noutras situações. Nos casos em que houve influência do inglês, o texto nunca se tornou ilegível ou agramatical, podendo, no entanto, ser mais natural ao português. A análise das situações de transferência foi feita, exclusivamente, com erros gramaticais, uma vez que nos textos do estágio não houve nada que pudesse ser considerado um desvio de significado que prejudicasse a mensagem geral.

A transferência pode ser considerada um problema quando: causa erros gramaticais ou de significado que podem levar a equívocos e más interpretações, que podem mesmo ofender os leitores; provoca erros que põem em risco a segurança dos leitores ou de outros, nomeadamente em áreas especializadas, onde é necessário que haja muita precisão e clareza; prejudica não só o tradutor, mas também a profissão, ao reforçar estereótipos sobre *freelancers* amadores e tradução automática, ficando os clientes reticentes em confiar em serviços profissionais.

É necessário que o tradutor tenha atenção e se esforce para atingir altos níveis de precisão e excelência. Deve aperfeiçoar as suas capacidades, procurar *feedback*, acompanhar a evolução linguística, respeitar a diversidade linguística e cultural e defender os códigos de conduta profissional. A sua dedicação assegura que as traduções respeitam os mais altos padrões de qualidade e ultrapassam, eficazmente, falhas de comunicação entre línguas e culturas.

Já tendo sido assinalados exemplos de transferência, falta saber como se pode evitar cometer alguns destes erros. Para além de o tradutor dever estar sempre atento e focado no texto de chegada, seguir algumas práticas de tradução pode ajudá-lo a obter uma tradução exímia, designadamente: o domínio dos diferentes aspetos da LP e a LC, nomeadamente, a gramática, a sintaxe, o léxico, marcadores de discurso, expressões idiomáticas, etc., ajuda a realização de uma boa tradução, assim como a transferência de significados culturais; o aprofundamento de conhecimento em diferentes áreas, como a história, política, economia, ciência, tecnologia, etc., de forma a melhor compreender referências culturais, implicações ideológicas, normas sociais, inovações tecnológicas ou princípios científicos implícitos na LP; a criação de redes de contactos com colegas de profissão ou peritos, de modo a possuir revisores que dominem o português ou a área de especialização e que sejam capazes de oferecer uma apreciação crítica e construtiva.

### 3.3. Traduzibilidade

Quando se fala de transferência linguística é também pertinente falar de *traduzibilidade*. Isto é, se é possível traduzir um determinado texto ou não. Nos casos em que não é possível traduzir, deve procurar-se uma alternativa e a transferência é uma possível estratégia de tradução.

Mona Baker (2020, p. 602) questiona a diferença entre “is it possible to translate anything at all?” or “is it permissible to translate just anything?”. Por exemplo, é *possível* traduzir *match* por *partida*, mas será que no contexto do texto isso é *admissível*? O termo em inglês pode também ser traduzido para português por *fósforo*. Neste caso, a palavra inglesa tem mais do que um significado, o que dificulta a tradução. No caso de traduções que envolvem culturas diferentes, é provável que existam termos que não podem ser traduzidos literalmente e poderão ter de ser ou adaptados à cultura de chegada ou mantidos na língua original. A tradução entre culturas díspares é de uma maior dificuldade e deve sempre ter em conta o contexto e o público-alvo.

Para que uma tradução seja *admissível*, é necessário fazer uma tradução de significados e não somente de palavras isoladas. É preciso ter em conta o sentido geral do texto e não apenas a forma. “Form is material and perceptible, and varies from language to language, while meaning, that which is denoted by the form, remains invisible and constant across languages” (Baker, 2020, p. 603). O termo “cadeira”, em português, tem o mesmo significado que “chair”, em inglês, sendo a única diferença, a forma linguística. Foi Ferdinand de Saussure (1992, p. 122) quem apresentou a ideia de *signo linguístico* – ilustrado na figura 2 abaixo – que é formado pelo *significado* (o conceito) e pelo *significante* (a imagem acústica).

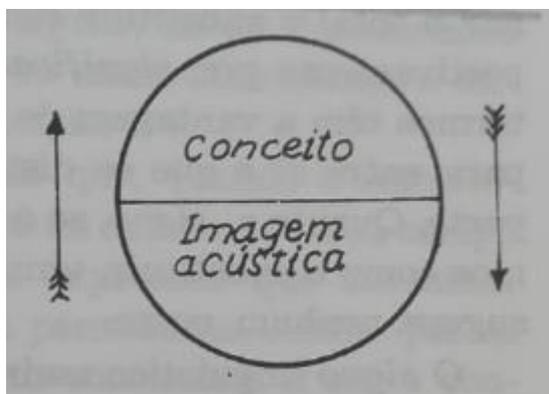


Figura 2: Signo linguístico (Saussure, 1992, p. 123)

O significado pode ser transferido entre línguas, enquanto o significante pertence apenas a uma língua. Ainda assim, os dois termos estão sempre interligados entre si. “the content of a message can never be completely abstracted from the form, and form is nothing apart from content” (Nida, 2021, p. 172). O significado precisa sempre de um significante para se materializar. Quando um conceito existe apenas numa língua, trata-se, muito provavelmente, de elementos específicos de uma cultura que são difíceis, alguns quase impossíveis, de traduzir.

Assim, não se pode apenas ter em consideração o significado que está no dicionário; é também necessário pensar nos significados culturais, ideológicos e sociais que estão associados a um determinado texto e ao seu contexto situacional. Com a teoria do relativismo linguístico, abordada no capítulo anterior, foi possível perceber que as línguas definem a forma como os falantes veem o mundo. “Not only does the signifier change across languages but each language depicts reality differently” (Hatim & Munday, 2004, p. 35). Para além disso, existem conceitos exclusivos de certas línguas ou culturas que não têm um equivalente noutras línguas.

In their different grammatical and lexical structures, individual languages embody and therefore impose different conceptualizations of the world. (...) The way different languages divide up the colour spectrum or organize kinship terms are among the classic examples of such asymmetries, but they affect all aspects of language. (Baker, 2020, pp. 603-604)

Deste modo, existem línguas com conceitos que não existem em mais nenhuma língua, por definirem aspetos específicos dessa cultura. Esta assimetria pode verificar-se ao considerar o caso do finlandês, que tem várias palavras no seu vocabulário para definir várias formas de neve, ou o do árabe, que contém vários termos para os diferentes aspetos de comportamentos de camelos (Bassnett, 2014, p. 40). Um falante de português não tem conhecimento dos diferentes tipos de neve porque essa informação não lhe é necessária, pelo que a tradução exata não é possível. São elementos culturais muito específicos de uma cultura para poderem ser transferidos para outra. Nida (2021, p. 173) apresenta o seguinte exemplo. “On a similar basis, “white as snow” may be rendered as “white as egret feathers,” if the people of the receptor language are not acquainted with snow but speak of anything very white by this phrase.” Por questões como estas, é necessário que os tradutores sejam conhecedores das culturas de partida e de chegada, para que possam transmitir a mensagem original ao público-alvo da LC.

No caso do português, muitos acreditam que o conceito *saudade* é impossível de traduzir para outras línguas. Esta dificuldade na tradução deve-se ao facto de a palavra definir

um sentimento caracterizado pela cultura portuguesa e não existir nenhuma palavra que transmita o mesmo significado e a mesma emoção noutras línguas. Um termo próximo, que tem equivalência, é *nostalgia*, que muitos acreditam ser sinónimo de *saudade*. Segundo o Dicionário Priberam, *nostalgia* pode ser definida como “Tristeza profunda causada por saudades do afastamento da pátria ou da terra natal”<sup>12</sup>. Assim, ainda que possam, realmente, ser semelhantes, as emoções que estes dois termos acarretam são, sem dúvida, diferentes. Enquanto a *nostalgia* é um sentimento melancólico e marcado pela tristeza causada pela falta de algo ou alguém, a *saudade* é um sentimento muito mais positivo, remanescente de momentos passados.

Nida (2021) aborda a questão da equivalência, afirmando de imediato que não é possível existir correspondência absoluta entre línguas:

Since no two languages are identical, either in the meanings given to corresponding symbols or in the ways in which such symbols are arranged in phrases and sentences, it stands to reason that there can be no absolute correspondence between languages. Hence there can be no fully exact translations. The total impact of a translation may be reasonably close to the original, but there can be no identity in detail. (Nida, 2021, p. 171)

Ainda que a tradução se possa aproximar do original, não é possível garantir uma correspondência absoluta. Existem elementos linguísticos e culturais que não se conseguem transferir para outra língua/cultura. Nida (2021, p. 174) distingue dois tipos de equivalência:

- *Formal equivalence* (equivalência formal), que diz respeito à mensagem, independentemente da forma e do conteúdo.
- *Dynamic equivalence* (equivalência dinâmica), que se foca na intenção comunicativa, assegurando que a tradução mantém a mesma intenção da comunicação original.

A equivalência formal é a tradução que tenta estar o mais perto do original possível. O mais importante é que a mensagem que o autor quer passar no original seja a mesma na tradução. Sendo assim, estas traduções focam-se no significado, não tendo em conta o contexto cultural. Ao tentarem manter-se fiéis ao texto, estas traduções podem ser possíveis, mas podem não ser admissíveis.

---

<sup>12</sup> Retirado do Dicionário Priberam (<https://dicionario.priberam.org/nostalgia>) a 14 de agosto de 2023

Já a equivalência dinâmica dá mais importância a manter o mesmo objetivo da mensagem. Não se foca na mensagem em si, mas na relação que esta tem com o público-alvo. Assim, as traduções tentam ser o mais naturais possível, ao adaptarem-se à cultura de chegada, mesmo que se tenha de alterar bastante o texto. Se assim se assegurar a compreensão, a tradução não só é possível, como também é admissível.

Quando um texto tem elementos que não são possíveis de transferir para a LC, existe sempre perda – parcial ou não – de significado. Como foi referido anteriormente, existem termos específicos de certas culturas que não existem noutras línguas. Deste modo, não é possível transferir integralmente a mensagem original. Ao existirem diferenças culturais entre duas línguas, no processo de tradução vão sempre ocorrer perdas. Ao mesmo tempo, existem também ganhos, isto é, benefícios para a tradução e para a língua. A importação de novas palavras, em forma de estrangeirismos e de empréstimos, enriquece a língua, com novos conceitos, à medida que possibilita a renovação lexical. Com novos significados advêm novas perspectivas do mundo. Outra forma de benefício consiste na contribuição que o tradutor dá ao texto. Normalmente, o tradutor tenta sempre que o texto esteja o mais claro e legível possível.

Ainda que não seja exequível estabelecer equivalência absoluta, a tradução pode ser possível e admissível. Catford (1965, p. 93) considera que os textos podem ser mais ou menos traduzíveis, mas nunca totalmente intraduzíveis.

For Catford (1965), linguistic untranslatability occurs in cases where ambiguity or polysemy is functionally relevant in a text, while cultural untranslatability applies when situational elements referred to in an original (for example, sauna or igloo) are absent in the culture of the translating language. (Baker, 2020, p. 604)

Já foi abordada a *intraduzibilidade cultural*, no que diz respeito a elementos específicos de uma cultura que não são possíveis de ser transferidos. No entanto, é também relevante falar de *intraduzibilidade linguística*. As dificuldades de tradução podem acontecer devido à ambiguidade, que pode dar-se a vários níveis. Por exemplo, a ambiguidade referencial. Para evitar repetições, utilizam-se pronomes, o que pode tornar-se confuso e ambíguo. Por exemplo, “Ao encontrar-se com a Ana, a Maria comentou os seus resultados.” O pronome *seus* tanto se pode referir aos resultados da Ana, como aos resultados da Maria, ou ainda aos resultados da pessoa com quem o locutor está a falar. Outra situação de ambiguidade é a sintática, que acontece quando a estrutura da frase se pode ler de duas formas: “Estamos junto ao palco ao

lado do local onde comemos a ver a tuna”. Neste caso, a utilização de pontuação muda o sentido da frase: “Estamos junto ao palco, ao lado de onde comemos, a ver a tuna” e “Estamos junto ao palco, ao lado de onde comemos a ver a tuna”. Na primeira, a ação “ver a tuna” refere-se ao presente, enquanto na segunda “ver a tuna” é uma ação passada. O que também causa ambiguidade é a polissemia, isto é, quando uma palavra tem mais do que um significado. Na tradução, é necessário atentar no contexto para perceber qual é o verdadeiro significado que está a ser usado. Por exemplo, a frase em português “A loja é ao lado do banco que foi agora inaugurado” poderia criar dificuldades a traduzir o termo *banco*, uma vez que, ao ter dois significados, poderia ser mal-entendido nesta frase. O *banco* pode referir-se ao edifício ou a um assento, por exemplo, um banco de jardim.

Pode ainda falar-se de aspetos que podem ser considerados como causadores de intraduzibilidade cultural e linguística, como trocadilhos ou jogos de palavras, que se baseiam em elementos culturais e linguísticos com o propósito de fazer humor ou ironia e que podem não funcionar em todas as línguas. De igual forma, expressões idiomáticas constituem elementos específicos de uma língua, pelo que podem, ou não, ter um equivalente na língua de chegada.

Estes problemas de tradução constituem, para alguns, um desafio a ser superado. Como afirma Baker (2020, p. 605), “for Derrida the untranslatable holds out an invigorating challenge: it dares the translator to tackle the impossible and to transgress the limits of the conventional understanding of translation”.

Ainda que a tradução seja possível, é certo que não existe equivalência absoluta, tendo este conceito vindo a ser rejeitado pelos estudiosos da área. Nos casos em que há diferenças culturais, os tradutores devem optar por uma solução que permita ao leitor entender a mensagem original, por exemplo, a importação de termos para a LC (estrangeirismos), notas de rodapé explicativas do conceito ou adaptações para a cultura de chegada.

### 3.4. Influência do tradutor

Segundo Newmark, em *Approaches to Translation* (Newmark, 1981, p. 123), as interferências linguísticas podem acontecer em muito mais níveis do que Weinreich apresentou. Estas influências não acontecem apenas ao nível da frase ou do texto, sendo uma delas o idioleto do tradutor. A influência pessoal vai, certamente, alterar o texto, quer seja devido ao seu idioleto, ao seu dialeto, às preferências estilísticas, ou até mesmo às suas crenças e ideais, como irá ser desenvolvido neste capítulo.

Venuti (2013) analisa a questão da inconsciência do tradutor defendida por William Weaver (1989). Este defende que o tradutor opta por certas soluções de tradução, instintivamente, sem estar consciente da razão da escolha de uma palavra em vez de outra. Dá o exemplo das palavras “maybe” e “perhaps”, que têm o mesmo significado, mas o tradutor faz a sua escolha de acordo com o que lhe soa melhor, não havendo, efetivamente, motivos que justifiquem a sua escolha. Os motivos para a escolha do tradutor são de ordem linguística, cultural e pessoal, acontecendo de forma inconsciente (Venuti, 2013, p. 32). Deste modo, cada tradutor tem uma perspetiva única sobre um texto. Efetivamente, se vários tradutores traduzissem o mesmo texto, todas as traduções seriam diferentes, porque cada um tem o seu idioleto e as suas preferências estilísticas. “From his idiolect, the language of his habitual use, with its personal peculiarities of grammar, lexis and word-order, the translator creates his linguistic reproduction of a situation he sees through the SL text” (Newmark, 1988, p. 138)

Se há escolhas de tradução inofensivas que apenas demonstram o estilo do tradutor e que revelam a variedade da língua, outras escolhas podem considerar-se verdadeiras alterações de sentido e, até mesmo, manipulação. Para além de o idioleto do tradutor afetar o texto que está a ser trabalhado, os seus ideais e crenças são também um fator de como uma tradução difere consoante a pessoa que a produz.

A *Ideologia e a Tradução* estão interligadas, na medida em que a tradução é uma atividade ideológica (Hatim & Mason, 1997, p. 121). Assim, impõem-se as perguntas: deve um tradutor separar a sua ideologia do seu trabalho? Será que o consegue fazer?

Ideology is rooted in individual and social consciousness. Ideology regulates how people perceive the world, what they know and believe about it. Being closely related to perception,

knowledge and beliefs, ideology determines what people regard as the aesthetic or factual truth at a certain place and time. (Baumgarten, 2012, p. 60)

A *Ideologia* está presente em todas as ações do dia-a-dia. Todas as decisões são tomadas por influência de ideologias e crenças pessoais. É através da linguagem que a ideologia se forma e se materializa. “Discourse – or language as a social practice – shapes and is shaped by ideology” (Baumgarten, 2012, p. 60). Desta forma, o tradutor, consciente ou inconscientemente, irá sempre transferir traços pessoais para a sua tradução.

Para além de diferenças culturais, um tradutor pode, ainda, ter de lidar com diferenças ideológicas entre duas línguas. Deverá possuir sensibilidade e diplomacia para saber que termos utilizar de modo a garantir a melhor tradução, sem que esta soe ofensiva. O tradutor é um mediador, tanto de culturas como de ideologias. É a sua função criar um texto que seja entendido pelo seu público-alvo, tendo muitas vezes de o alterar para que se adapte à cultura de chegada. No que toca às ideologias, o tradutor deve manter-se neutro de forma a evitar deixar transparecer as suas opiniões, ao mesmo tempo que assegura que o texto será bem aceite pela cultura de chegada, tendo, por vezes, de alterar certas palavras para garantir que não serão mal interpretadas pelos leitores. Assim, o tradutor tem um importante papel de mediação, que Hatim e Mason (1997, p. 122) definem como “the extent to which translators intervene in the transfer process, feeding their own knowledge and beliefs into their processing of a text”.

A tradução pode ser um meio para promover certas agendas ideológicas e silenciar pontos de vistas alternativos. Esta influência das ideologias do tradutor num texto pode ser considerada manipulação de texto, quando faz com que a mensagem original não seja transmitida. Esta manipulação pode ser intencional ou não. Quando o é, acontece, maioritariamente, por fatores políticos. Em regimes ditatoriais, os meios de censura passam pela distorção de textos traduzidos para controlar os ideais do povo ou, até mesmo, para serem usados como propaganda (Scafoglio, 2022).

Pode dar-se o caso de existir uma má interpretação de texto e, conseqüentemente, existir uma tradução incorreta: “Translations are visible traces of individual readings” (Bassnett, 2014, p. 124). Em textos literários, principalmente, a tradução depende muito da interpretação do tradutor. Se esta não corresponder ao que o autor pretendia transmitir, podem existir desvios de sentido e, assim, são originados textos muito diferentes. No entanto, é ainda possível existir também uma tradução incorreta apenas por o tradutor não concordar com a ideologia presente

no texto. Atente-se, agora, em dois exemplos de obras muito conhecidas – a *Bíblia* e a *Odisseia* – que foram, ao longo dos anos, alteradas por motivos ideológicos.

Ed Oxford trabalha como investigador em estudos religiosos, analisando, principalmente, a Bíblia. Por ser homossexual e católico, Oxford debruçou-se sobre a questão da homossexualidade na Bíblia e descobriu que a primeira vez que o termo apareceu numa tradução do texto sagrado foi em 1946, numa versão americana. Até então, a versão inglesa preferida era a Bíblia do King James de 1611. Ao colecionar várias bíblias traduzidas em várias línguas, começou a comparação e percebeu-se que a tradução alemã do início do século XIX não era igual à versão inglesa. “In the English where it says ‘Man shall not lie with man, for it is an abomination’, the German version says ‘Man shall not lie with young boys as he does with a woman, for it is an abomination’” (The Forge Online, 2019). Depois de 1946, várias línguas por todo o mundo começaram a alterar as suas traduções para a versão americana. Em 1983, a comunidade cristã alemã não tinha meios para publicar uma nova versão da Bíblia, então uma empresa americana pagou pela publicação, fazendo assim com que a tradução fosse alterada.

Uma tradução incorreta levou a que várias línguas seguissem esse equívoco e assim se causou uma mudança ideológica na sociedade. Pessoas católicas começaram a acreditar que a homossexualidade é imoral porque estava escrito na Bíblia. Esta foi uma má tradução alimentada pela ideologia do tradutor, que acabou por ter um grande impacto não só na sociedade da época, como ainda hoje é possível sentir as consequências, uma vez que essa tradução ainda é a que vigora até hoje.

Em 2017, Emily Wilson tornou-se na primeira mulher a traduzir a *Odisseia* para inglês, à semelhança de muitos outros textos clássicos, que só agora são traduzidos, pela primeira vez, por mulheres (Wilson, 2019, p. 279). As conclusões a que chegou são que nas traduções já existentes foram utilizados termos pejorativos para se referir ou para descrever as mulheres da obra. Assim, o texto original, que já é marcado por valores androcêntricos, tornou-se ainda mais depreciativo das mulheres. A tradutora podia, pelas suas ideologias, optar por alterar os “problemas éticos”, mas resolveu evidenciá-los:

Moreover, I wanted to make the ethical problems in the original as visible as possible—for example by calling the slaves in the poem ‘slaves’, rather than ‘servants’ or ‘maids’. I do not see either of these primary frameworks of my work in terms of ‘hijacking’, nor am I imposing my own values on the poem. Like my male predecessors, I provide a careful, responsible

interpretation of the Greek original, shaped by my scholarly labors, my values, and my literary sensibility. (Wilson, 2019, p. 283)

A ideologia do autor não corresponde à da tradutora. Ainda assim, a tradutora não a tenta mudar. “I see my translation as (...) trying to create an English Homer that invites a critical response to its own dominant ideology” (Wilson, 2019, p. 280). Vejamos um exemplo de como o tradutor é um mediador de ideologias: se a tradutora alterar o texto, quem o for ler vai achar que é o que o original diz. Wilson afirma, que ao ser a primeira mulher a traduzir a Odisseia para inglês, está a permitir que os leitores tenham um texto semelhante ao original que podem interpretar da forma que quiserem (Wilson, 2019, p. 282). Assim, Wilson não expõe a sua própria ideologia no texto para influenciar outras pessoas, mas antes permite que os leitores possam interpretar o texto como entenderem. Neste caso, tradutores homens traduziram certas palavras conforme a sua interpretação, possivelmente afetada pelas suas ideologias, não alterando o texto, mas acabando por escrever uma tradução com um tom mais agressivo em relação às mulheres.

Um dos exemplos apresentados para ilustrar a diferença do tom do texto consiste na discrepância entre a tradução feita por homens “You sluts—the suitors’ whores!” ou “I won’t allow a clean death for these women / —the suitors’ sluts” e a tradução feita por Wilson “I refuse to grant these girls a clean death, since they poured down shame on me and Mother, when they lay beside the suitors” (Wilson, 2019, p. 289). A diferença entre as traduções feitas por homens e a que foi feita por Wilson baseia-se num juízo de valor: “the original simply makes a statement about behavior, without any judgment attached” (Wilson, 2019, p. 289).

Ao falar da influência do tradutor no texto, é necessário abordar também a questão da *invisibilidade*. O tradutor, no fundo, é o criador de um novo texto para um novo público-alvo (Bassnett, 2014, p. 47). Desta forma, será que o tradutor deve fazer-se notar? Deverá o leitor perceber que está a ler uma tradução ou deverá o tradutor copiar o estilo do autor de tal forma que se consegue fazer passar por ele?

Nos Estudos da Tradução, esta questão é o alvo da pesquisa de Venuti (2008), na sua obra *The Translator’s Invisibility*. Nesta, o autor (2008, p. 1) começa por apresentar a perspetiva de alguns autores que acreditam que uma tradução só é aceitável se não soar como uma tradução. Isto é, o tradutor deve ser invisível, adotando todas as características do autor e

tomando o seu lugar. Por sua vez Venuti (2008, p. 13) apresenta a sua teoria onde defende que o papel do tradutor deve ser reconhecido e acredita que as traduções devem ser lidas como traduções. Já na perspectiva de McCallum e Stephens (2011, p. 370), e no que diz respeito à ideologia, é impossível para o tradutor se manter invisível. A ideologia do tradutor revela-se no texto, nas estruturas da língua ou nas formas narrativas. Como já foi mencionado anteriormente, a ideologia manifesta-se através da língua, com significados que são construídos pelos falantes.

A tradução é inerentemente ideológica, uma vez que envolve selecionar certos elementos do texto de partida, enquanto se excluem outros. Este processo de seleção cria uma versão de um texto que reflete os valores e crenças do tradutor e, conseqüentemente, da sociedade em que ele está inserido. Quando se fala de ideologia de um texto, pode referir-se à ideologia do texto de partida, que o tradutor deve manter, quer concorde ou não, ou à ideologia do texto de chegada, que é denotada pelo tradutor e é exatamente esta que é necessário abordar.

As individualidades de um tradutor podem revelar-se no texto, mas este deve sempre tentar manter-se neutro em relação às suas ideologias. Não deve demonstrar qualquer tipo de opinião pessoal ou comentário que vá contra a mensagem original do texto.

Everyone, male and female, is inevitably influenced by the norms and prejudices of contemporary society. But it is possible to be more or less conscious of particular types of prejudice, and to try not to inscribe native forms of discrimination in a translation of a foreign text. (Wilson, 2019, p. 286)

Cada um tem o seu conjunto de crenças e ideais que afetam a forma como fala, age e pensa. É inevitável transferir essas particularidades para o texto. No entanto, o tradutor deve ter atenção para não fazer transparecer no texto os seus preconceitos, influenciando-o e aos seus leitores, ainda que esta não seja uma tarefa fácil.

## Conclusão

Das línguas clássicas até aos *tweets* de hoje, as línguas acarretam consigo toda a experiência e evolução humana. A natureza mutacional das línguas implica que os tradutores estejam constantemente a atualizar-se no que diz respeito à comunicação intercultural. Ao serem organismos vivos, é natural que as línguas estejam sujeitas a variação e mudança. Um fenómeno que pode provocar essas alterações permanentes é a transferência linguística. Há quem acredite que a transferência linguística representa uma ameaça persistente para a precisão e fluência das obras traduzidas. No entanto, a transferência pode também ser útil ao tradutor. Desta forma, ainda que seja preciso estar-se atento à transferência (negativa), é também importante estar-se aberto à possibilidade de a transferência (positiva) poder trazer novos elementos à língua portuguesa. O importante é garantir que o tradutor produz traduções de qualidade sem desvios de significado. Assim, ainda que a transferência linguística afete vários aspetos das traduções, o que, por vezes, leva a frases mal traduzidas, expressões estranhas e outros erros, é essencial que se entendam as suas causas, para que se implementem estratégias para a evitar.

Sendo este um relatório de estágio, seria inaceitável não expor algumas considerações finais em relação ao que foi a primeira experiência profissional na área da tradução. Assim, o estágio constituiu uma mais-valia para a preparação para o mundo de trabalho, tendo sido um momento de aprendizagem, ao mesmo tempo que um momento de consciencialização da exigência e dos prazos do mercado. Para além disso, foi uma oportunidade para conhecer o mundo da tradução no contexto empresarial.

Retomando os objetivos estipulados na introdução deste relatório, é necessário refletir sobre eles e tirar algumas ilações de tudo o que foi dito neste trabalho. Primeiro, foi feita a contextualização do estudo do contacto de línguas. A influência exercida entre línguas em situações de contacto leva à criação de novas línguas e/ou dialetos. As situações de contacto podem acontecer em comunidades transfronteiriças, em países multilingues ou em contexto mental, isto é, na cabeça do falante, ao ser bilingue.

O bilinguismo foi também estudado por ser uma parte fundamental da tradução. Os falantes bilingues são os primeiros a serem afetados, de alguma forma, pela transferência

linguística. Quer seja quando estão a aprender uma nova língua ou quando já a dominam, a transferência de elementos de uma língua para a outra é inevitável. Associados à transferência, estão também fenómenos como o *code-switching* ou o *code-mixing*, que consistem na mistura das duas línguas numa só frase (de um falante bilingue).

Foi ainda abordada a questão da variação linguística, para explicar a forma como as línguas estão em constante transformação e é natural sofrerem mudanças. O correto de hoje pode ter sido considerado errado no passado. Desta forma, ainda que se deva escrever de acordo com a norma, não se deve ser conservador ao ponto de não permitir que a língua corra o seu curso natural e possa ou não ser alterada.

Outro objetivo que foi cumprido foi a definição de alguns conceitos linguísticos, nomeadamente: a distinção entre variação e mudança, e os vários tipos de variação – diatópica, diastrática, diafásica; a definição de erro; a distinção entre língua materna, L1, L2, língua estrangeira; as várias definições de bilinguismo; a distinção entre transferência e interferência. E é exatamente assim que começa o capítulo 3, ao apresentar as várias definições de transferência, por diversos autores, e ao apresentar a que irá ser utilizada.

Mais à frente, foram identificados os tipos de transferência linguística: gramatical e lexical. Dentro destas duas categorias foram apresentados exemplos, retirados de textos do estágio, que ilustram os vários aspetos de cada tipo. A transferência gramatical pode manifestar-se através de alterações na estrutura da frase, na utilização ou omissão de artigos, nas regências, entre outros. A transferência lexical, por outro lado, diz respeito a erros ao nível do vocabulário. Assim, alguns problemas podem ser derivados de falsos cognatos, empréstimos, estrangeirismos, etc. Para além dos já mencionados tipos de transferência que foram apresentados por Weinreich (1967), foi ainda criada outra categoria intitulada “outros exemplos” para analisar erros que podiam ser o produto de transferência linguística. Neste subcapítulo encontram-se erros de pragmática, maiúsculas e pontuação.

Os exemplos utilizados são de excertos que exemplificam a influência do inglês no português. Desta forma, alguns exemplos tinham erros, outros apenas indicavam para possíveis erros que podiam ser cometidos. No geral, as conclusões retiradas foram as de que não existiram desvios gramaticais muito graves ou que tornassem o texto agramatical ou ilegível. A maior parte foram erros inofensivos que muitas vezes só deixavam o texto menos natural e com uma evidente influência do inglês.

Para acabar o capítulo, aborda-se as consequências da influência do tradutor no texto. Se a influência do inglês no português pode causar grandes desvios de significado, então a influência do tradutor num texto pode mudar toda a mensagem que o autor originalmente queria transmitir. Os exemplos apresentados ilustram a forma como textos podem ser manipulados para servir os interesses ideológicos, não só dos tradutores, mas de editoras ou grandes empresas.

À medida que o inglês se dispersa pelo mundo e começa a ganhar força, as situações de transferência com o inglês começam também a aumentar. No futuro, é possível que as tecnologias, já existentes, sejam melhoradas, de forma a ajudarem o tradutor a evitar cometer erros ou é possível que a língua evolua de certa forma e que o que hoje é considerado desvio não o seja nesse tempo.

Se este relatório for utilizado como ponto de partida para investigação futura, seria interessante estudar a forma como a tradução automática também é afetada pela transferência linguística ou tentar perceber se algum método computacional consegue assistir um tradutor a garantir que um texto não tem marcas de transferência. Outra investigação interessante seria uma mais direcionada à sociolinguística, para relacionar o *background* de vários tradutores, i.e., o estatuto socioeconómico, o historial educacional e profissional, a sua relação com a comunidade, a sua zona geográfica, com as suas traduções, para tentar perceber a forma como são afetados pela transferência linguística.

## Bibliografia

- Aixelá, J. F. (1996). Culture-specific Items in Translation. Em R. Á.-Á. Vidal, *Translation, Power, Subversion* (pp. 52-78).
- Almeida, J. M. (2001 de junho de 2001). *A Transferência Linguística e a Tradução: Barreira à tradução ou eficaz solução comunicativa*. FLUP.
- Andrade, A. R. (2001). A terminologia do empréstimo linguístico no português europeu: uma terminologia ambígua? *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*, (pp. 35-44).
- Baker, M. (2018). *In Other Words: A Coursebook on Translation*. Routledge.
- Baker, M. (2020). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Routledge.
- Bassnett, S. (2014). *Translation Studies*. Routledge.
- Baumgarten, S. (2012). Ideology and Translation. Em Y. Gambier, & L. v. Doorslaer, *Handbook of Translation* (Vol. 3, pp. 59-65). John Benjamins.
- Bennett, P. M. (2021). Bilingualism, code mixing and reception in Portugal: a personal reflection (Não Publicado).
- Benson, C. (2002). Transfer/Cross-linguistic influence. *ELT Journal*, 56(1), pp. 68-70.
- Bloomfield, L. (1933). *Language*. Compton Printing.
- Carvalho, H. d. (1979). *Teoria da Linguagem*. Atlântida.
- Castro, I. (1991). A língua portuguesa no tempo e no espaço. Em *Falar Melhor, Escrever Melhor* (pp. 53-89). Selecções do Reader's Digest.
- Catford, J. C. (1965). *A Linguistic Theory of Translation*. Oxford University Press.
- Colaço, M., & Gonçalves, A. (novembro de 2020). Sobre interferência sintática em tradução e em escrita autêntica. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 101-120. Obtido de <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln7ano2020a7>

Crystal, D. (2003). *English as a Global Language* (2ª ed.). Cambridge University Press.

Cunha, C., & Cintra, L. (2017). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Leikon.

DN/Lusa. (15 de dezembro de 2017). Portugueses falam cada vez mais (e melhor) línguas estrangeiras. *DN*. Obtido de <https://www.dn.pt/portugal/portugal-e-pais-da-ue-com-maior-aumento-de-adultos-a-falar-linguas-estrangeiras-8987820.html>

Duarte, I. M. (2011). Formas de Tratamento em Português: Entre léxico e discurso. *Revista Matraca*, 18(28), pp. 84-101. Obtido de <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/75411>

Faria, I. H. (2003). Contacto, variação e mudança linguística. Em M. H. Mira Mateus, *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 33-37). Caminho.

Figueira, H. (21 de 07 de 2021). *Nomes Comuns Derivados de Marcas Registadas*. Obtido de FLIP: <https://www.flip.pt/Duvidas-Linguisticas/Duvida-Linguistica/DID/5954>

Freitas, T., Ramilo, M. C., & Soalheiro, E. (2003). O processo de integração dos estrangeirismos no português europeu. *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, (pp. 371-385).

Gené, D. (25 de agosto de 2022). *Mental health and mother tongue: The struggle to express emotions*. Obtido de New Canadian Media: <https://newcanadianmedia.ca/mental-health-and-mother-tongue-the-struggle-to-express-emotions/>

Gouveia, M. C. (2003). O género de estrangeirismos usados na língua portuguesa. *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, (pp. 411-419).

Groot, A. M. (2011). *Language and Cognition in Bilinguals and Multilinguals*. Psychology Press.

Grosjean, F. (1997). The bilingual individual. *Interpreting*, 2(1-2), pp. 163-187.

Hatim, B., & Mason, I. (1997). *The Translator as Communicator*. Routledge.

Hatim, B., & Munday, J. (2004). *Translation as an Advanced Resource Book*. Routledge.

Hussein, B. A.-S. (2012). The Sapir-Whorf Hypothesis Today. Em *Theory and Practice in Language Studies* (Vol. 2, pp. 642-646). Academy Publisher.

- Instituto Camões. (5 de Maio de 2022). Dados sobre a Língua Portuguesa. *Dia Mundial da Língua Portuguesa*.
- Jesus, A. M. (dezembro de 2012). Empréstimos, tradução e uso na prática terminológica. *TradTerm*, 20, pp. 111-128.
- Landsberry, L. (2019). Defining Bilingualism. *Bulletin of Nagoya College*, pp. 145-154.
- Luz, P. S. (10 de Novembro de 2021). Há crianças portuguesas que só falam 'brasileiro'. *Diário de Notícias*. Obtido em março de 2023, de <https://www.dn.pt/sociedade/hacrianças-portuguesas-que-so-falam-brasileiro-14292845.html>
- Madeira, A. (2017). Aquisição de língua não materna. Em M. J. Santos, *Aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português* (pp. 305-330). Language Science Press.
- Marques, C. (2 de outubro de 2019). *Uso e omissão do artigo indefinido*. Obtido de Ciberdúvidas da Língua Portuguesa: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/uso-e-omissao-do-artigo-indefinido/35448>
- Mateus, M. H. (2002). Variação e Variedades: o caso do português.
- McCallum, R., & Stephens, J. (2011). Ideology and Children's Books. Em S. A. Wolf, K. Coats, P. Enciso, & C. A. Jenkins, *Handbook of Research on Children's and Young Adult Literature* (pp. 359-371). Routledge.
- Miguel, M., & Raposo, E. P. (2013). Determinantes. Em E. P. Raposo, *Gramática do Português* (Vol. 1, pp. 819-858). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Móia, T. (2004). Algumas áreas problemáticas para a normalização linguística. *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, (pp. 109-125). Lisboa.
- Mota, M. A. (1996). Línguas em Contacto. Em I. H. Faria, E. R. Pedro, I. Duarte, & C. A. Gouveia, *Introdução à Linguística Geral e Particular* (pp. 505-533). Caminho.
- Mota, P. T. (23 de abril de 2023). *Richie Campbell | Watch.tm 1*. Obtido em 9 de junho de 2023, de Youtube: [https://www.youtube.com/watch?v=YNO1FlrDbh8&ab\\_channel=PedroTeixeiraDaMota](https://www.youtube.com/watch?v=YNO1FlrDbh8&ab_channel=PedroTeixeiraDaMota)

- Munday, J. (2016). *Introducing Translation Studies: Theories and applications*. Routledge.
- Newmark, P. (1981). *Approaches to Translation*. Prentice Hall International.
- Newmark, P. (1988). *A Textbook of Translation*.
- Nida, E. (2021). Principles of Correspondence. Em L. Venuti, *The Translation Studies Reader* (pp. 171 - 185). Routledge.
- O que é diglossia?* (2008). Obtido de RTP Ensina: <https://ensina.rtp.pt/artigo/o-que-e-diglossia-decidir/>
- Odlin, T. (1989). *Language Transfer: Cross-Linguistic Influence in Language Learning*. Cambridge University Press.
- O'Neill, M., & Casanovas, M. (1997). False friends: a historical perspective and present implications for lexical acquisition. *English language and literature*, 8, pp. 103-115.
- Peres, J. A., & Mória, T. (1995). *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Caminho.
- Pinto, P. F. (2017). Educação e diversidade linguística em Portugal. *Mediações – Revista OnLine da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal*, pp. 36-43.
- Pires, F. (6 de março de 2023). *Segunda língua oficial de Portugal pode vir a desaparecer dentro de 20 anos*. Obtido de TSF: <https://www.tsf.pt/portugal/cultura/segunda-lingua-oficial-de-portugal-pode-vir-a-desaparecer-dentro-de-20-anos-15952197.html>
- Reiter, C. (15 de agosto de 2017). *Communicating in a foreign language takes emotion out of decision-making*. Obtido de UChicago News: <https://news.uchicago.edu/story/communicating-foreign-language-takes-emotion-out-decision-making>
- Riehl, C. M. (2005). *Code-switching in Bilinguals: Impacts of Mental Processes and Language*.
- Rio-Torto, G. (2014). Blending, cruzamento ou fusão lexical em português: padrões estruturais e (dis)semelhanças com a composição. *Filologia e Linguística Portuguesa*, 6(1), pp. 7-29.

- Saussure, F. d. (1992). *Curso de Linguística Geral*. Publicações Dom Quixote.
- Scafoglio, G. (julho de 2022). Fascism and the classics: ideological manipulation and targeted translations of the Aeneid. *Classical Receptions Journal*, 14(3), 379-398. Obtido de <https://academic.oup.com/crj/article-abstract/14/3/379/6634198?login=false>
- Suisse, A. (2020). *A Influência Interlinguística na Aprendizagem de uma Segunda e Terceira Línguas*. UA Editora.
- Teixeira, M. (2015). Aspetos sociolinguísticos dos estrangeirismos. Em I. M. Alves, & E. S. Pereira, *Neologia das Línguas Românicas* (pp. 249-266). Humanitas.
- The Forge Online. (14 de outubro de 2019). *Has 'Homosexual' Always Been in the Bible?* Obtido em 16 de julho de 2023, de Insight: <https://um-insight.net/perspectives/has-%E2%80%9Chomosexual%E2%80%9D-always-been-in-the-bible/>
- Venuti, L. (2008). *The Translator's Invisibility: A history of translation*. Routledge.
- Venuti, L. (2013). *Translation Changes Everything: Theory and Practice*. Routledge.
- Vinay, J.-P., & Darbelnet, J. (2000). A Methodology for Translation. Em L. Venuti, *The Translation Studies Reader* (J. C. Sager, & M.-J. Hamel, Trads., pp. 84-93). Routledge.
- Weinreich, U. (1968). *Languages in Contact: Findings and Problems*. Mouton Publishers .
- Wilson, E. (2019). Epilogue: Translating Homer as a Woman. Em F. Cox, & E. Theodorakopoulos, *Homer's Daughters: Women's Responses to Homer in the Twentieth Century and Beyond* (pp. 279-297). Oxford.
- Yule, G. (2018). *The study of Language*. Cambridge University Press.